

Convergência

MARÇO • 2017 • ANO LII

499

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
João Edênio Valle, svd

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Revisão:
Impressão: Gráfica de Paulinas Editora
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

O olhar de Jesus

Mensagem do Papa

Laudato Si'. O olhar de Jesus

Rosto Misericordioso do Pai

O mundo das cadeias: um convite a viver a misericórdia
IR. MARTINA M. E. GONZÁLEZ GARCIA

Mártires/Santos

O anjo da Transamazônica
IRMÃ MARÍLIA MENEZES

Informes

Comunidade intercongregacional
IRMÃ MARIA CÂMARA VIEIRA

Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo:
a origem, os desafios e a consolidação da obra de
Santa Gertrudes Comensoli
IR. MARIA FLOR DE MAIO PIMENTA

Artigos

As prioridades da CRB para o triênio 2016-2019 –
Uma iluminação a partir da Palavra de Deus: “Eis que estou
fazendo uma coisa nova, e vocês não percebem?” (Is 43,19)
FREI CARLOS MESTERS

Formação continuada: um itinerário formativo para toda a vida
IR. JARDELINO MENEGAT

Família: desafios, esperanças e pastoral – Um olhar sobre
Amoris Laetitia
FREI ALMIR RIBEIRO GUIMARÃES

O olhar de Jesus

O Papa Francisco, na *Laudato Si'*, do número 96 ao 100, mostra o olhar de Jesus sobre o Criador e a criação. Cristo nos chama a reconhecer a relação paterna de Deus com todas as criaturas, relação de ternura. Como o Pai, Jesus vivia em contato permanente e harmônico com a natureza, com carinho e admiração.

A seção Rosto de Misericórdia traz o texto da Ir. Martina: “O mundo das cadeias: um convite a viver a misericórdia”. Expressa a autora que “a situação de dor que tantos irmãos e irmãs vivem hoje nas cadeias é um dos espaços que nos chama a viver a misericórdia, a ser boa notícia para pessoas que estão nesse contexto, privadas de liberdade, de dignidade, de perspectivas de vida”.

Na seção Mártires/Santos, conhecemos “O Anjo da Transamazônica”. Trata-se da Irmã Serafina Cinque, apresentada pela Irmã Marília Menezes, vice-postuladora da Casa de Canonização.

“Comunidade intercongregacional”, relato da Irmã Maria Câmara Vieira, é o primeiro texto da seção Informes. A autora relata os desafios de viver em comunidade intercongregacional. Expressa que “existem desafios como em todas as comunidades tradicionais, mas buscamos superá-los abrindo-nos para acolher as diferenças com respeito, diálogo, humildade e despojamento”.

O outro texto do Informe é de autoria da Irmã Maria Flor de Maio Pimenta, que escreve sobre o “Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo: a origem, os desafios e a consolidação da obra”. A autora informa que “desde a sua fundação, em 15 de dezembro de 1882, na cidade italiana de Bérgamo, até os dias atuais, foram muitos os desafios que se apresentaram à Congregação, embora a firmeza de propósitos que lhes foi deixada como legado por sua fundadora, Madre Gertrudes Comensoli, tenha sido, constantemente, o suporte fundamental para que todas as dificuldades tenham

se transformado em força e fé, resultando em um trabalho de humildade e caridade.

Frei Carlos Mesters abre a seção Artigos com uma iluminação a partir da Palavra de Deus sobre as quatro Prioridades da CRB do triênio 2016-2019. A XXIV Assembleia Geral Eletiva da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil, realizada em Brasília de 11 a 15 de julho de 2016, teve como tema: “Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação” e como lema: “Eis que estou fazendo uma coisa nova” (Isaías 43,19).

Em seguida, Ir. Jardelino Menegat apresenta “Formação continuada: um itinerário para toda a vida”. Nas reflexões introdutórias, afirma: “Temos a convicção de que a formação para o consagrado deve ser contínua e durante toda a vida. Para o consagrado, a formação somente termina no último instante de sua vida. A idade acumula sabedoria, mas há aspectos da nossa formação que não vêm de graça. Deus nos concede a capacidade, mas é preciso dedicação e empenho de nossa parte”.

Por fim, frei Almir Ribeiro aborda o Documento *Amoris Laetitia*, com o texto “Família: desafios, esperanças e pastoral”. O autor conclui o artigo com as próprias palavras do Papa, no número 307, que se inicia assim: “Para evitar qualquer interpretação tendenciosa, lembro que, de modo algum, deve a Igreja renunciar a propor o ideal pleno do matrimônio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza: É preciso encorajar os jovens batizados para não hesitarem perante a riqueza que o sacramento do Matrimônio oferece aos seus projetos de amor, com a força do apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participar plenamente da vida da Igreja”.

IRMÃO LAURO DAROS, MARISTA

Laudato Si'. O olhar de Jesus

96. Jesus retoma a fé bíblica no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (cf. Mt 11,25). Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos dele: “Não se vendem cinco pássaros por duas pequeninas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante de Deus” (Lc 12,6). “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as” (Mt 6,26).

97. O Senhor podia convidar os outros a estar atentos à beleza que existe no mundo, porque ele próprio vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração. Quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-se a contemplar a beleza semeada por seu Pai e convidava os discípulos a individuarem, nas coisas, uma mensagem divina: “Levantai os olhos e vede os campos que estão dourados para a ceifa” (Jo 4,35). “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore” (Mt 13,31-32).

98. Jesus vivia em plena harmonia com a criação, com grande maravilha dos outros: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?” (Mt 8,27). Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Falando de si mesmo, declarou: “Veio o Filho do Homem que come e bebe, e dizem: ‘Aí está um glutão e bebedor de vinho’” (Mt 11,19). Encontrava-se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo. Todavia, ao longo da história, estes dualismos combatidos tiveram notável influência em alguns pensadores cristãos e desfiguraram o Evangelho. Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contato com matéria criada por Deus para a moldar com a sua capacidade de artesanato. É digno de nota que a maior

parte da sua existência terrena tenha sido consagrada a esta tarefa, levando uma vida simples que não despertava maravilha alguma: “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?” (Mc 6,3). Assim santificou o trabalho, atribuindo-lhe um valor peculiar para o nosso amadurecimento. São João Paulo II ensinava que, “suportando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de alguma forma, com o Filho de Deus na redenção da humanidade”.

99. Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: “Todas as coisas foram criadas por ele e para ele” (Cl 1,16). O prólogo do Evangelho de João (1,1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (Logos). Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra “Se fez carne” (Jo 1,14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia.

100. O Novo Testamento não nos fala só de Jesus terreno e da sua relação tão concreta e amorosa com o mundo; mostra-no-lo também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação com o seu domínio universal. “Foi nele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por ele e para ele, reconciliar todas as coisas (...), tanto as que estão na terra como as que estão no céu” (Cl 1,19-20). Isto nos lança para o fim dos tempos, quando o Filho entregar ao Pai todas as coisas “a fim de que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28). Assim, as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa.

PAPA FRANCISCO

O mundo das cadeias: um convite a viver a misericórdia

A situação de dor que tantos irmãos e irmãs vivem hoje nas cadeias é um dos espaços que nos chamam a viver a misericórdia, a ser boa notícia para pessoas que estão nesse contexto, privadas de liberdade, de dignidade, de perspectivas de vida.

O desejo é que não existisse o mundo das cadeias, nem o mundo do crime, nem as injustiças. Mas situações como estas nos colocam ante uma luta crucial pela afirmação da vida.

Dentro dessa situação é possível dar passos e nos aproximar deste lugar. A partir da fé, nas situações obscuras, podemos sair do conhecido e do acostumado, sair talvez até da indiferença ou da distância com que as olhamos, e comprometer-nos profundamente com elas. É possível deixar-nos surpreender pela graça de entrar nesse mundo, aproximar-nos das pessoas concretas com suas realidades e deixar-nos afetar por elas.

Alguns grupos da Pastoral Carcerária, em diferentes lugares do Brasil, buscamos fazer esse caminho em parceria com o Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (SP). Entramos em algumas cadeias com a formação do curso de Fundamentos da Justiça Restaurativa – Escola de Perdão e Reconciliação. Neste artigo, falo em nome das pessoas destes grupos, da experiência que vivemos. Para nós é como abrir a porta da misericórdia. Algo se ilumina em nós, algo que nos salva, devolve a esperança e nos coloca na perspectiva de olhar para os desafios da vida de um novo lugar, o dos/as mais pobres e relegados/as. A partir daí, a realidade aparece numa nova ótica – este pode ser um lugar de revelação.

Em grandes linhas tecemos algumas considerações sobre o mundo das cadeias para logo tentar observar como Jesus olharia para pessoas que são condenadas dentro dos esquemas da sociedade. Desse olhar, queremos

iluminar a experiência de aproximar-nos desse mundo, para finalmente partilhar algumas vivências do curso com mulheres e homens encarcerados.

Um clamor que vem das cadeias

Há um entendimento de que a situação do sistema carcerário brasileiro é muito grave e reflete a situação social da “desigualdade”. É um espaço de intensa iniquidade que vem se degradando e vários fatores contribuem para esta situação.

O perfil da população que tem suas ações criminalizadas e penalizadas com prisão, com raras exceções, é de pobres e negros, grupos sociais considerados subcidadãos, desrespeitados em seus direitos, sem voz e poder na sociedade.

O sistema judicial é absolutamente precário para a produção de provas e para garantir a defesa dos acusados junto à defensoria pública. Isto gera obstrução nos processos e contribui para provocar caos e superlotação nos presídios.

A opinião pública (publicada) demanda segurança e redução da violência ante o mundo do crime. A escolha tem sido a de, praticamente, desconsiderar o direito de que a pessoa só passa a ser condenada depois de uma tramitação judicial. Acusados de envolvimento com o tráfico de drogas, furto ou roubo são considerados culpados até que não se prove o contrário e cumprem prisão preventiva como antecipação da pena. 40% da população carcerária está nessa situação. Na última década a população carcerária duplicou: de aproximadamente 300 mil presos no final dos anos 1990 passou para cerca de 600 mil presos.

Quando o Estado cobra o respeito à lei, mas ele próprio não a respeita, gera-se um sentimento de falta de justiça. Assim se chega, entre outros fenômenos, à criação de grandes organizações que se formam dentro do sistema prisional e fora dele, como o caso dos bem conhecidos Comando Vermelho, no Rio de Janeiro, e o Primeiro Comando da Capital, em São Paulo. Essas organizações adotam uma conduta de defesa ante o poder estatal abusivo e violento e acabam contribuindo para o aumento da violência.

A concepção de privação de liberdade como forma de recuperação de pessoas que cometeram algum delito fica longe da realidade e mais parece uma aposta na não recuperação dessas pessoas. O sistema prisional afasta-se do raciocínio segundo o qual a prisão é um tempo para recuperar a pessoa e reinseri-la na sociedade como cidadã. O binômio recuperar/ressocializar

passa a ser mera retórica. O que se constata, porém, é que esta política do Estado está agravando a situação da violência e fazendo do sistema prisional uma “escola para o mundo do crime”, na expressão das pessoas privadas de liberdade.

A escalada da violência tem como uma de suas causas o clamor de parte da sociedade por vingança

O espetáculo midiático sobre o mundo do crime reforça o sentimento de insegurança e a demanda por punição. Há um processo competente que produz modos de pensar que levam a achar que colocar a pessoa na cadeia é a melhor maneira de resposta. Assim como é o rebaixamento da maioridade penal.

O Estado assume esse modo de pensar e não investe em políticas de mudança real, pela transformação e reinserção social da população carcerária. O problema se reverte contra a mesma população que recebe de volta dos presídios pessoas mais destruídas pela revolta e, portanto, mais perigosas. Estas pessoas sofrem, por sua vez, a discriminação (estigmatização) por ter estado na cadeia e se veem rejeitadas e excluídas por parte da sociedade, restando-lhes, frequentemente, como única saída, a volta ao crime; assim, a reincidência alcança os 70%. Essa forma de justiça punitiva alimenta um ciclo de ódio social, uma paranoia do medo de todos contra todos.

No caso das mulheres, a repressão assume uma face própria. As mulheres sofrem com muito mais intensidade a perversidade do sistema punitivo, tanto pelo sentimento de culpa ao transgredir o papel esperado delas como pelas condições das cadeias organizadas para homens. A prisão de uma mulher é, na maioria das vezes, decisiva para a destruturação familiar. As consequências para as crianças e adolescentes são desastrosas.

A maioria das mulheres presas responde por pequenos crimes não violentos para completar a renda, como furto, roubo. A resposta do encarceramento destas mulheres por parte do Estado é desproporcional e violenta. As mulheres ainda formam parte do baixo escalão do tráfico de drogas e grande parte atua no tráfico como forma de subsistência ou pelo envolvimento com um companheiro. Em algumas situações elas estão sendo forçadas a fazer parte de alguma organização. Assim como no caso dos homens, são mulheres pobres, negras e pardas, jovens e mães solteiras, em geral. Um estudo no Rio Grande do Sul mostrou que cerca de 40% das mulheres que foram presas no estado estavam fugindo da violência

doméstica ou os próprios maridos batiam nelas para que cometessem os crimes no lugar deles.¹

Algumas vozes vêm-se levantando na sociedade, denunciando a situação de violência nas cadeias tanto masculinas como femininas. Mas o que ainda predomina é o descaso e o silêncio, que pede para ser rompido a fim de que esse clamor nos sacuda como sociedade e desperte nossa consciência, pois, de alguma forma, com nosso silêncio, descaso e distância, podemos ser cúmplices desta forma de injustiça.

Nosso olhar – No olhar de Jesus

Como Jesus enxergaria as pessoas privadas de liberdade, homens e mulheres no contexto concreto de hoje? Como se aproximaria delas, de sua situação? Observando os gestos e palavras de Jesus diante da dor e da injustiça, percebemos que estão impregnados pelo amor, pela bondade graciosa de Deus.

A psicologia nos mostra como aquilo que vemos nos outros reflete, de alguma forma, o que está em nós mesmos. O que criticamos nas outras pessoas ou o que nos molesta refere-se à nossa sombra, àquilo de que não gostamos em nós e o escondemos, e que, ao mesmo tempo, projetamos nos outros. Da mesma forma, projetamos nossa luz naquilo que admiramos em outros. Talvez esta sabedoria encontremos no evangelho de Mateus, quando diz que “A lâmpada do corpo é o olho. Se teu olho for são, todo teu corpo estará são” (Mt 6,22). E a sétima bem-aventurança que diz: “Felizes os de coração puro, porque verão a Deus”.

Quando Jesus olha para os paralíticos, cegos, doentes, pobres, pecadores, marginalizados, não percebemos nele um olhar de pena ou julgamento a partir da mentalidade do sistema social dominante. Jesus não olha para a pessoa reforçando-a nessa situação. Dele emana um olhar que enxerga nela outras possibilidades de vida em meio à sua realidade e a chama para essa vida. Vê as criaturas à luz que emana de seu próprio ser.

Ao sentir-se assim olhada, a pessoa, em qualquer situação que esteja, pode fazer um salto de fé: pode passar de uma interpretação de si mesma a partir do sistema que a discrimina e condena na linha do “não presto”,

¹ TAMARA, Melo. Prisões brasileiras: espelho da nossa sociedade. *Revista IHU on-line*, 293, ano IX, 18/05/2009. CHIRINGHELLI, Rodrigo. *Da desigualdade à indiferença: o samba de uma nota só nas penitenciárias brasileiras*. *Revista IHU on-line*, 293, ano IX, 18/05/2009.

“sou uma criminosa”, “estou pagando pelo que fiz”, para outro olhar que lhe permite acreditar em si mesma e aceitar o convite de uma nova vida.

Ao calor da misericórdia, a cada pessoa é possível descobrir-se de maneira nova, sentir-se reconhecida, digna e capaz, e começar a mover-se numa nova perspectiva de esperança que vai mudando as coisas. O Reino de Deus se faz assim presente.

Como apresentado por Frizzo,² este é o acontecimento proclamado nas Bem-aventuranças, quando Jesus declara felizes os pobres em meio a situações concretas de extrema vulnerabilidade. Nas bem-aventuranças percebemos que os pobres, com falta de recursos materiais e de ânimo em consequência da injustiça (primeira bem-aventurança), são os que se veem impotentes e humilhados (segunda bem-aventurança), sofridos pela situação (terceira bem-aventurança), ansiosos pela libertação (quarta bem-aventurança).

Só um olhar impregnado de misericórdia pode ser capaz de proclamar felizes as pessoas na situação de desumanização que vivem ou a que são condenadas. É ver já, e ainda não, outra realidade possível brotando em meio a tudo isso e experimentar a alegria da vida que aponta e começa já a se fazer presente. Há um olhar que nomeia a realidade de dor, toma consciência dela, não a esconde, não a reprime nem a nega. Não a expõe à luz para afirmá-la como algo dado, estabelecido, imposto, assumido, mas, ao contrário, essa realidade aparece como possibilidade de ser transcendida a partir da generosidade do dom, da experiência do Amor de Deus. Essa situação, desvelada ante um novo olhar compassivo, abre-se em esperança de vida nova, de transformação, de alegria. Essa situação de não vida, de exclusão, de marginalização pode ser agora fonte de sabedoria, experiência que impulsiona para a criatividade, iniciativa, solidariedade com quem está na mesma situação. Para Frizzo, esta é a nova realidade dos mesmos pobres, mansos, sofridos e ansiosos pela libertação que se transformam e transformam a realidade pela misericórdia e o olhar puro. Como afirma Gebara,³ estas vidas excluídas pelo sistema são valorizadas e apresentadas como capazes de viver em si mesmas os prodígios da dignidade humana.

² Notas/Itesp – Lit. Sinótica – Frizzo, mar. 2015.

³ GEBARA, Ivone, *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*. São Bernardo do Campo-SP: Nhanduti Editora, 2010. p. 232.

126 Uma forma de presença junto às pessoas privadas de liberdade

O primeiro passo para entrar no presídio é fazer os rituais para se purificar. É necessário expulsar o demônio da visão dominante que temos sobre a pessoa privada de liberdade. Despojar-se do preconceito, do medo, e entrar com a mínima hipocrisia possível, com profundo respeito pelas pessoas nessa situação. Ir ao encontro do ser humano que está lá, aproximar-se dele, para além do véu que pode embaçar o olhar.

O descrito acima sobre as pessoas privadas de liberdade nesse cenário de violência contra os mais pobres não são dados de pesquisa, análise, abstração. Entrando nas cadeias essas descrições se revestem de carne, osso, cor, idade, rostos que se impregnam na memória por sua expressão de dor, olhos baixos, às vezes quase fechados, cabeças inclinadas, saúde fragilizada. Suas famílias as visitam ou não, apoiam ou abandonam, famílias em conflito e tensão com a difícil situação de encarceramento. Muitos têm filhos pequenos, muitos são reincidentes, alguns com causas forjadas também pela corrupção policial. Culpa, muita culpa, revolta, muita revolta. As falas sobre o crime, como eles comentam, são o pão de cada dia que nutre como “doce consolo de vingança”.

Trata-se de aproximar-se deste ser humano sofrido, entrar em seu mundo, solidarizar-se até chegar à empatia, à compaixão, por estarmos misturados na mesma condição humana e separados apenas por circunstâncias de vida diferentes. Depois desta experiência, tudo se reverte em nós e o mundo vira de ponta-cabeça.

Acreditar neles, nelas, pede acreditar primeiro em nós mesmos. Anunciar a boa-nova do perdão e da justiça restaurativa é, primeiro, para nós, o desafio diário. Como anunciar uma palavra de esperança a pessoas tão sofridas pelas condições de vida, sem o compromisso de encarnar essa palavra?

Percebemos que estar com estas pessoas nos transforma e nos dá vida. O que afirmamos para elas, afirmamos para nós; em meio à desesperança, afirmamos a esperança, em meio ao abandono, afirmamos que nos pertencemos uns aos outros, que somos um, que da desgraça, muitas vezes inominável, podemos encontrar a graça. No abraço de despedida repetimos sem cansar: obrigado, obrigada. E saímos da cadeia, não aliviados e aliviadas de que a desgraça dessas pessoas não seja a nossa, mas nos sentindo parte dessa família e desejando que muitas luzes possam se acender também para os agentes e funcionários, tão humanos como nós. Nas avaliações eles pedem

que esta visão do perdão e da justiça restaurativa chegue a todas as cadeias do Brasil, do mundo.

Textos do evangelho começam a fazer um novo sentido sem complicadas hermenêuticas e tornam-se transparentes passagens, como as de que muito lhe foi perdoado porque muito amou, de que as prostitutas, os criminosos, nos precederão no reino dos céus, de que felizes os pobres de tudo, do ai de vocês, hipócritas, de quem estiver sem pecado atire a primeira pedra. Assim poderíamos ir desafiando tantos outros textos.

A formação partilhada com pessoas privadas de liberdade abre como porta para o humano que está em todos nós, com todos nossos mecanismos de defesa, mas também de abertura para a vida. A opção pelos pobres se reveste de profundo sentido, traz à luz o acreditar contra toda esperança, o afirmar os valores do humano-divino como se a opção pelos “sentenciados”, rejeitados, odiados nos devolvesse ao estado original da graça, pela graça que está neles.

Esta forma de presença é como um grito de não à culpa, não à derrota, não ao fracasso, à perda de sentido. É um grito de afirmação de relações, de confiança em si, da dignidade de cada pessoa contra a discriminação da sociedade e dos meios de comunicação. O perdão chega como um processo no qual se tem a possibilidade de desabafar a dor, de expressar a raiva acumulada, reconhecida como legítima e não condenada; chega como alívio, como recuperação da autoestima, do sentir-se valorizado e reconhecido como vítima; chega como possibilidade de esvaziar tanta magoa acumulada; de reconhecer a quem me ofendeu e a quem eu ofendi. O processo oferece a possibilidade de se ver como agressores e vítimas, de dar e pedir o perdão, colocar-se no lugar do outro e comunicar-se a partir dessa perspectiva.

Alguns destaques nas ferramentas da formação no processo de perdão⁴ e justiça restaurativa

Esta formação acontece de maneira vivencial, facilitada por exercícios que estão ao alcance de todos. Num ambiente de acolhida e confiança, cultiva-se o ânimo, a valorização de cada pessoa e a esperança de uma proposta para sair do que aprisiona.

⁴ Os passos do curso são orientados pela Escola de Perdão e Reconciliação da Fundación para la Reconciliación de Bogotá, Colômbia.

Um dos primeiros momentos do curso leva a tomar consciência de como a reprodução da violência é uma parte da condição social, histórica e cultural que nos afeta e à qual afetamos. Nosso comportamento, nosso mal-estar, nosso ser violento de maneira “justificada”, gira dentro de um círculo. Percebemos o movimento automático da repressão das emoções pela necessidade consciente ou inconsciente de fugir, negar ou reprimir a dor. A confrontação com esta questão leva a deduzir o porquê da situação em que nos encontramos hoje, seja na cadeia como espaço físico, seja fora dela.

Nas retomadas ou avaliações ao longo do curso, esta compreensão volta sempre: “Não quero continuar girando nesse círculo de violência que me trouxe aqui e que só faz piorar a situação”.

Prossequimos logo fazendo memória das emoções da infância, das situações que nos deixavam com raiva, de como foi a vivência junto às pessoas que nos cuidaram, principalmente a mãe, como uma referência que está presente para muitos ou também em forma de ausência ou rejeição que marca violentamente a vida de alguns.

Através de uma história que ajuda a identificar a criança ferida se situa a proposta do curso: não se trata de sair buscando culpados para o mal-estar que acontece na vida de cada um/a. Trata-se de olhar dentro, na fonte das emoções e encontrar ali a criança ferida que está em cada ser humano. Não se trata de continuar escondendo-a, pondo-a de castigo ou culpando-a pelo mal-estar que causa. Vamos reconhecê-la, acolhê-la, convidá-la a vir para a vida.

Assim o grupo é preparado para mostrar as emoções consideradas feias, que não é mais preciso esconder de nós e dos outros, pois este espaço oferece a confiança necessária. Com lápis de cera, cada participante pode expressar como sente a raiva em si através de imagens. A partilha das imagens é um dos momentos sagrados. A dor expressada pode ser muito forte e explícita. Podem correr lágrimas, sentimentos de impotência. Esses momentos são selados com um abraço. Já é possível chegar perto, num reconhecer-se e solidarizar-se. Chega a conversa sobre o que eu sofro, “mas, vendo a situação das outras pessoas, percebo que todos sofremos, não estou sozinho nessa situação”.

Assim se prepara o grupo para expressar a memória de uma agressão sofrida na vida. Mais uma vez se partilha isso em pequenos grupos e, muitas vezes, espontaneamente, essa dor é exposta para todo o grupo. Vivencia-se um momento intenso de expressão e partilha da dor. Novamente o silêncio da escuta, da empatia que acolhe sem julgar, da felicitação pela coragem

de se expressar, do abraço da cura. A vítima é reconhecida e chamada para fora de si.

Segue-se um tempo para entender e exercitar melhor os mecanismos das emoções e suas expressões, principalmente a raiva, e se continua fazendo exercícios vivenciais para tomar mais consciência da dor e liberá-la.

Vítima reconhecida e dor expressada de um acontecimento concreto na vida, começa-se a introduzir o perdão como esvaziamento da mágoa, possibilidade de tomar a decisão de sair do círculo da violência, da possibilidade de abrir-se a um novo processo de vida.

O perdão a si mesmo é o maior desafio para todos. A força da culpa, da mágoa, do orgulho, do medo carregado dá a impressão de se ter algum controle sobre a situação que mantém cativo a cada um, consciente ou inconscientemente. “Eu estou pagando pelo que fiz.” “Eu só vou aceitar isso depois que eu sair daqui.” “Ninguém é responsável pelo erro que eu cometi.” Ir ao encontro da memória sofrida, das mágoas acumuladas pede coragem e capacidade de sair do conforto de nos ver como vítimas, identidade compartilhada pelos humanos. Mas correr o risco de abrir mão da dor, aceitá-la e integrá-la é o segredo da possibilidade de libertação. Dentro e fora da cadeia é um caminho de aprendizado.

Logo é possível começar a entender que todos somos vítimas e agressores na roda de reprodução da violência, e que assim como cada um pode reconhecer e integrar suas emoções e pode perdoar-se, assim também é possível começar a olhar para o outro, para a pessoa/as agressora/as no caso da ofensa sofrida. É possível começar a olhar para quem causou a ofensa, fazendo perguntas sobre quem é, suas circunstâncias de vida, o que pode ter levado a causar a agressão, procurando re-humanizar a quem antes era olhado como inimigo digno de ofensa. Fazendo este percurso, para muitas pessoas é possível chegar a colocar-se no lugar do outro e compreender que, assim como eu, quem me ofendeu também foi vítima, também tem direito ao dom, ao perdão da dívida, a se perdoar. Sabemos que tudo isto é um processo e importa pôr-se a caminho.

O conceito de justiça restaurativa⁵ é apresentado como processo de estabelecer o justo nas situações de conflito entre partes ou entre vítima e ofensor. Trata-se de reverter o movimento da punição, como a imposição de dor ao outro, para outro movimento que procure a restauração entre as partes em conflito ou entre vítima e ofensor. Como modelos de fazer

⁵ BOONEN, Petronella Maria. *A justiça restaurativa: um desafio para a educação*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2011.

justiça, entendemos que a punição tem sua raiz numa cultura de violência e a justiça restaurativa numa cultura de paz.

Mesmo com a visão do castigo internalizada, algumas perguntas bastam para desvendar a ideologia da violência que impregna esta prática. Tratar da justiça restaurativa no lugar da justiça que pune é como perceber que é possível uma restauração da vida e que é possível fazer parte disso, tanto como vítimas quanto como agressores. É possível mudar de condenados a pessoas capazes de reconhecer seus erros, responsabilizar-se por eles e repará-los. De sentenciados a cuidados, no jogo do dar e receber, na construção de uma justiça justa. No imediato, este processo é mais exigente do que apenas submeter-se à vontade de outro revestido de um poder superior. Utopia, mas esse é o horizonte para orientar os passos, a possibilidade, a verdade sobre cada pessoa. Apesar de ser negada, é possível afirmá-la e segurar o poder da vida que vem dessa nova identidade.

E até aí chegamos nesse caminho. Muito caminho para ser feito. Apenas um passo, uma semente. Permanece o desafio que a Pastoral Carcerária e outros grupos organizados enfrentam, tanto denunciando a violação dos direitos quanto construindo espaços e procurando brechas para mudar o sistema.

Questões para ajudar na reflexão:

IR. MARTINA M. E. GONZÁLEZ GARCIA*

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Você concorda com a visão da misericórdia apresentada neste texto?
2. Como esta visão dialoga com sua experiência da misericórdia?
3. Você pode fazer algum comentário sobre os conceitos de perdão e justiça restaurativa aqui apresentados?

* **Ir. Martina M. E. González Garcia** é religiosa da Congregação das Missionárias Servas do Espírito Santo (MSSpS). Nasceu em 1948 na Espanha. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Atua no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo e na Pastoral Carcerária, dando cursos para pessoas privadas de liberdade e outros públicos na área de perdão e justiça restaurativa.

O anjo da Transamazônica

Descansar um pouco do estafante trabalho com a Causa de Canonização da Irmã Serafina Cinque me levou a passar alguns dias em Altamira, Pará, na Casa Divina Providência ou Casa de Irmã Serafina (ou Sarafina) – como a chamam no Xingu. Como vice-postuladora da Causa, e sempre em contato com a postuladora em Roma, Irmã Maria Paniccia, o contato com Altamira é essencial.

As gestantes ficam na Casa Divina Providência e os doentes, no Refúgio São Gaspar, construído em ala vizinha – o nome lhe foi dado em homenagem a São Gaspar, fundador dos Missionários do Preciosíssimo Sangue, que construíram as duas casas, atendendo às súplicas de Irmã Serafina. Às 5 horas da manhã, a responsável pelo atendimento à saúde chama: “A Kombi sai às 6 horas para o Hospital e para as Clínicas. Quem se atrasar, perde a vez”. Cerca de 100 a 150 pessoas são atendidas diariamente, de modo integral, na Casa Divina Providência, que se mantém com a intervenção da Prelazia e de benfeitores.

Durante o dia atendi a mídia e fui ver as pessoas nas duas Casas que levam o mesmo nome: Casa de Irmã Serafina. Algumas já tinham estado ali outras vezes. Um negro idoso, sem uma perna, me contou: “A Casa Irmã Sarafina (o povo a chama assim) agora é minha casa, há três anos, porque ninguém mais me quer, desde que fui mordido por uma surucucu”.

Procurei tornar-me útil à Ir. Zelia Valentim, ASC, administradora da instituição há vários anos, e escutei muitos casos de cura que Deus concedeu por intercessão de nossa Irmã.

Ir. Serafina idealizou a Casa Divina Providência desde que, em 1970, foi ali enviada para dirigir a Cáritas e o ambulatório da Prelazia do Xingu, como enfermeira diplomada. Em 1972, a Prelazia do Xingu era dirigida pelo Bispo Dom Erwin Krautler – hoje Bispo emérito dessa Prelazia.

Em 1970, a região do Xingu estava sendo fortemente sacudida pela inaugurada estrada Transamazônica, iniciada pelo Presidente Médici. Em seu sonho desvairado, a estrada ajudaria a colocar, segundo os seus dizeres: “Homens sem terra – do Nordeste árido – para uma terra sem homens – o Norte chuvoso”.

Uma de nossas Irmãs, que trabalhou com Ir. Serafina na década de 1970 em Altamira, me contou: “Nos trabalhadores de várias partes do Brasil ‘mundiados’ pela promessa de trabalho, vi um quadro apocalíptico: homens doentes, vagando pelas ruas, grávidas deitadas pelas calçadas, morrendo de fome”.

Nas pesquisas para o processo de canonização de Ir. Serafina, consultei escritores como Alberto Temer em seu livro *Transamazônica: solução para o ano 2001* (APEC Editora, 1971), que acreditava na viabilidade da estrada. Impressionou-me ler artigos de jornalistas que criticavam a loucura da construção da estrada, enfrentando a ditadura militar. Lembrei-me dos versos de Pablo Neruda: “Piedade para os povos, ontem, hoje, amanhã! Às cegas pela história, carregados de ferro e lágrimas, crucificados em implacáveis raízes, com fome e sede, ódio” (“Cantos Cerimoniais”).

A Igreja Católica atravessava o período da Teologia da Libertação, que mandava pescar, e não dar o peixe, e Serafina enfrentou a oposição de muitos quando começou a acolher gestantes e doentes. E tudo piorou quando nossa Irmã idealizou a construção da Casa Divina Providência para abrigar aqueles miseráveis, até realizar o seu sonho.

Ir. Serafina faleceu de esgotamento e leucemia em 21 de outubro de 1988 e foi sepultada em Manaus; porém, para atender ao grande desejo do povo do Xingu, após a exumação canônica, os seus restos mortais foram levados a Altamira, onde receberam festiva homenagem, sendo colocados na Igreja Paroquial da Imaculada Conceição, atraindo muitos fiéis para agradecer e pedir graças ao nosso Deus pela intercessão de Irmã Serafina. A situação atual de Altamira, com as desastrosas consequências da construção da hidrelétrica de Belo Monte, é mais um motivo para o povo viver rezando, pedindo luz e sabedoria para as autoridades do país, sobretudo da Amazônia.

O Anjo da Transamazônica. Um jornalista do sul do país, em 1976, soube da obra de Irmã Serafina e entrevistou mulheres em Altamira: “Quem é essa mulher que sai pelas ruas procurando alimento para doentes e gestantes, levando até cusparadas no rosto? Que não tem nojo de leprosos e bêbedos, e força os médicos a acolher as gestantes no hospital? Que enfrenta os

donos das boates para salvar prostitutas doentes?”. As mulheres respondem: “É Irmã Sarafina, o Anjo da Transamazônica”.

O processo. O material do processo de Irmã Serafina, com 1.482 páginas, foi apresentado, em 10 de dezembro de 2007, à Congregação dos Santos no Vaticano por Irmã Maria Paniccia. Comissões de Teólogos e Bispos estudaram-no, e em 27 de janeiro de 2014 recebemos a alegre notícia por um telefonema da Rádio Vaticana: o Papa Francisco autoriza a promulgação do Decreto no qual foram declaradas as *virtudes heroicas* de Irmã Serafina, que, com esse Decreto, passou a receber o título de *Venerável*.

Belém, 6 de julho de 2016.

IRMÃ MARÍLIA MENEZES*

* **Irmã Marília Menezes** é membro da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo (ASC). Vice-postuladora da Causa de Canonização da Venerável Irmã Serafina, é formada em Jornalismo, e também escritora e poetisa. **Endereço da autora:** Rua Padre Prudêncio 748, Bairro da Campina, Belém, Pará. CEP 66015-180. **E-mail:** mmenezes@ascbrasil.org.br.

Comunidade intercongregacional

Dois anos e três meses é o tempo que estou na comunidade intercongregacional no Haiti, tempo em que aprendi muito.

Muitas são as congregações, com seus diversos carismas, cada uma com suas riquezas, pois todas respondem ao apelo do Espírito, ao clamor do povo e ao chamado de Deus.

Vivenciamos a unidade na diversidade, pois somos Irmãs com culturas e carismas diferentes em uma missão além-fronteiras.

Existem desafios como em todas as comunidades tradicionais, mas buscamos superá-los, abrindo-nos para acolher as diferenças com respeito, diálogo, humildade e despojamento.

Encontramos um fértil caminho a percorrer quando vivenciamos o *despojamento*, pois ele nos dá um poço de possibilidades quando nos deixamos tocar pela vida-missão de Jesus.

Despojar-se não só de casa, família, bens materiais... mas também de saberes, ideais, preconceitos e ter a humildade de aprender com o novo e com o povo.

É caminhando para dentro de nós que percebemos, à luz do Espírito Santo, que precisamos nos despojar para sermos mais fecundas em nossa missão de batizadas – mulheres consagradas, no serviço ao Reino.

Amo e me identifico com o carisma da minha Congregação e agradeço a Deus pela possibilidade de conviver com irmãs de outros carismas. Cada congregação carrega um grande tesouro e, quando partilhado, se torna mais precioso.

Neste tempo que tenho de vida comunitária intercongregacional partilhei o que há de mais precioso em meu carisma e me enriqueci com a partilha dos carismas das minhas irmãs de comunidade.

Penso que uma comunidade intercongregacional só dá certo a partir do cultivo de valores que geram vida em nós e no povo. Valores estes com uma profunda busca de ser e formar comunidade, priorizando a vida de oração, avaliação, diálogo, humildade, respeito e amor.

A comunidade é a fonte que nos refaz e dá força para sermos mulheres geradoras de vida na missão, onde encontramos o povo muitas vezes desanimado, quebrado e necessitado de luz e amor.

Acredito que sem uma vida comunitária autêntica, com valores que geram vida, não podemos formar uma comunidade intercongregacional.

Neste tempo de convivência em uma comunidade “inter”, vivencio a busca constante, por parte de cada uma de nós, de ser e formar uma comunidade que seja fonte de reabastecimento para nós e para o povo.

Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim (João 17,23).

IRMÃ MARIA CÂMARA VIEIRA

Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bêrgamo

a origem, os desafios e a consolidação da obra de Santa Gertrudes Comensoli

Introdução

Quem assiste hoje ao trabalho de fé e fraternidade que o Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bêrgamo realiza em oito países, em diferentes continentes, de imediato se depara com uma história de sucesso e que sugere permanente ascensão. Um olhar mais detalhado sobre a história da Congregação, no entanto, vai revelar que há um passado de lutas e desafios, mas também de determinação, de coragem e, especialmente, de profundo amor a Deus e às causas humanitárias, movendo toda a trajetória deste grupo de religiosas.

Desde a sua fundação, em 15 de dezembro de 1882, na cidade italiana de Bêrgamo, até os dias atuais, foram muitos os desafios que se apresentaram à Congregação, embora a firmeza de propósitos que lhe foi deixada como legado por sua fundadora, Madre Gertrudes Comensoli, tenha sido, constantemente, o suporte fundamental para que todas as dificuldades tenham se transformado em força e fé, resultando em um trabalho de humildade e caridade.

Para compreender esta trajetória e conhecer um pouco deste cenário, é preciso refletir sobre a obra das Irmãs Sacramentinas não só a partir do que assistimos hoje, considerando as inúmeras obras espalhadas pelo mundo, mas também acerca da gênese da Congregação, pois é desta fonte, certamente, que brotou e brota todo o trabalho que vemos manifestar-se em suas obras sociais.

Para isso, é mister conhecermos a história da fundadora Santa Gertrudes Comensoli, para assim compreendermos o início de sua obra, os desafios enfrentados, as retomadas e a expansão deste trabalho de devoção ao Santíssimo Sacramento e de dedicação aos desamparados.

Uma serva do Senhor e a missão que ele lhe confiou

Em cada um de seus filhos Deus colocou nuances de sua presença, de sua infinita bondade, de seu amor, e, por meio de nossas capacidades individuais, oferece os instrumentos para nosso crescimento espiritual. Porém, é a incompletude humana que, muitas vezes, nos faz limitados para o uso consciente destes instrumentos em prol do bem comum e do amor maior pelo Criador e sua obra.

Em alguns de seus filhos, no entanto, estas divinas manifestações tornam-se plenas. É quando se faz possível experimentar a poderosa oportunidade de viver em sintonia com o amor do Pai, harmonizando-se com os propósitos da Criação e materializando isso.

Foi assim que aconteceu com a menina Catarina Comensoli, que por seus votos e uma vida dedicada ao amor a Deus passou a ser nominada “Madre Gertrudes Comensoli”, uma piedosa e fiel serva do Senhor. Filha amorosa e obediente, jovem devota do Santíssimo Sacramento, líder religiosa capaz de fazer surgir uma Congregação, mulher corajosa que enfrentou adversidades. Enfim, muitas mulheres podemos encontrar em Madre Gertrudes! Seus dons não são, por certo, meros aprendizados, mas sim sinais claros da manifestação do amor de Deus, os quais ela, como filha devota, soube identificar e deles apropriar-se, construindo uma vida de dedicação ao Reino de Deus.

Assim, diante da filha, da líder, da religiosa, da mulher corajosa, o quanto Deus se manifesta através de Gertrudes Comensoli? É preciso percorrer um pouco de sua intensa trajetória de vida para compreender esta questão.

Catarina Comensoli nasceu em Bieno⁸ – Itália, no ano de 1847, sendo desde criança uma síntese do amor. Nasceu em uma família pobre de bens materiais, mas muitíssimo rica em termos afetivos e espirituais. Seus pais, Carlos e Ana Comensoli foram exemplo de vida cristã e esteio para toda a família, proporcionando à menina crescer em meio a uma atmosfera de

⁸ Todas as informações sobre Santa Gertrudes Comensoli contidas neste texto têm fonte na obra *Eucaristia: meu Paraíso na Terra* (1989). Seleção, tradução e coordenação de textos feitas pelas Irmãs Sacramentinas de Bêrgamo. Belo Horizonte-MG.

amor e fé, o que fez a pequena Catarina, desde muito cedo, demonstrar seu apego aos ensinamentos religiosos. Segundo seus próprios relatos registrados em manuscritos, desde muito pequena já sentia Jesus em seu coração e percebia ser muito forte sua vocação e desejo de fidelidade aos preceitos cristãos.

Decidida, desde tenra idade, a seguir Jesus, a menina foi crescendo em meio ao hábito da comunhão, do jejum, da penitência e das muitas práticas que a faziam sentir-se mais próxima do Senhor. Assim, aos 12 anos, faz o “voto de obediência” e inicia-se assim o traçado de sua santidade. Todas as suas ações, atitudes e pensamentos tinham sempre o mesmo objetivo comum: servir a Deus. Ainda jovem, percebeu que era preciso representar o amor e o íntimo diálogo que ela sentia estabelecer com Deus através de uma obra concreta. Brotava, então, no coração da jovem Catarina a semente de um sonho: criar uma instituição de adoração ao Santíssimo Sacramento.

No ano de 1880, com a bênção do Santo Padre, o Papa Leão XIII, recebera o aval para iniciar seu instituto, mas com a recomendação: “Minha filha, não de clausura, pois há grande necessidade de ajudar a jovens, especialmente as operárias. O vosso instituto seja mesmo de adoração ao Santíssimo Sacramento, mas também de vida ativa, dedicada à educação”.⁹ Assim, em 15 de dezembro de 1882, com a ajuda inestimável de Pe. Francisco Spinelli, Catarina Comensoli funda o “Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo”, dando início à obra missionária que lhe foi recomendada através da adoração ao Santíssimo e do atendimento social às jovens pobres e desamparadas que naquele momento sofriam intensas mazelas sociais. Ao chegar à casa, o primeiro gesto foi fazer uma hora de adoração diante do quadro do Sagrado Coração de Jesus. A casa estava vazia, privada de qualquer comodidade, mas era habitada pelo fervor inicial: o desejo intenso de dedicar-se ao Senhor, consagrar a própria vida, estar com ele. Sobre este momento, escreveu Gertrudes em suas memórias: “15 de Dezembro de 1882, entrada no Convento, rua Cavette, n. 8. Estou aqui com minha irmã... à noite virá a minha companheira; meu Deus, o Bispo me garante que é a vontade de Deus. Estou aqui, portanto, para fazer a vontade de Deus e não a minha... Quanta coragem me dá esta palavra...”.¹⁰ Poucos meses depois, em 21 de junho de 1883, Pe. Francisco celebra pela primeira vez a missa na capela; começava assim a Adoração Eucarística. Este era o

⁹ *Uma alma eucarística*. Biografia da Venerável Madre Gertrudes Comensoli (1983, p. 70).

¹⁰ *Ibidem*, p. 78.

primeiro objetivo que tinha levado Catarina a viver esta vida: uma “adoração contínua à Eucaristia”.

Dois anos mais tarde, em 1884, Catarina recebe o hábito religioso e passa a ser chamada “Irmã Maria Gertrudes do Santíssimo Sacramento”, tendo à frente o preceito que escolhera para conduzir o seu caminho de fé: “Jesus, amar-te e fazer-te amado”.

Com o tempo, as obras e iniciativas do Instituto crescem e se expandem, contando também com novas jovens que, assumindo sua vocação religiosa, ingressam à ordem. Todavia, também crescem as dificuldades, principalmente econômicas, enfrentadas por Gertrudes e Francisco para manter e suprir todas as necessidades. Era prenúncio de tempos difíceis, que logo chegou! Em 19 de janeiro de 1889 o tribunal de Bérgamo declara a falência do Instituto. Este escândalo colocou Madre Gertrudes em dura prova. Parecia que tudo tinha acabado para sempre. A casa foi posta à venda para pagar as dívidas, as famílias pressionavam as Irmãs e postulantes para que regressassem, as jovens hóspedes – cuja maioria eram órfãs – encontravam-se sem alimento, o bispo estava indeciso, a opinião pública hostil... Assim, até a pessoa mais determinada e decidida perderia as esperanças.

Era o momento doloroso da prova, do grande desafio. A nova família religiosa estava para ser forjada e purificada por essa passagem dramática através da cruz. Foram dias penosos, de tristezas e humilhações. Às Irmãs, faltava o necessário e frequentemente passavam fome. Tinham sido retiradas das suas casas e viviam numa casa pequena e incômoda. Faltava trabalho e ninguém mais estava disposto a conceder-lhes crédito. Havia, portanto, uma grave crise financeira, com o surgimento de dívidas e falta de condições de manter as atividades operativas mais simples do cotidiano.

Tanto Madre Gertrudes quanto o Padre Francisco Spinelli sofriam muitíssimo com a situação. Sobre isso, a religiosa escreveu, em seu diário, uma manifestação de sofrimento, mas ao mesmo tempo de extrema confiança em Deus: “Arruinei a vossa obra, estraguei tudo. Meu Deus, nada quero fazer por mim, nem para mim. Em tudo dependerei de vós. Se vós quiserdes, aplainareis tudo. Por que me inquieto e lamento? Perco muito cada vez que me afasto de vós, um só momento, bondade infinita. Perdoai-me e castigai-me com amor, fazendo-me sofrer”. Pois foi, então, em meio a essas adversidades, que se consolidou a sua escolha, graças também a tantos encorajamentos e ajudas inesperadas que chegavam a elas. Dentre eles, um em especial: um bilhete do monsenhor Federico Sala, mais tarde bispo de Milão, enviado à Irmã Gertrudes: “Caríssima Madre, te abençoo de todo

coração. Jesus te console! As tuas Sacramentinas não são aquelas do triunfo mas da humilhação, não da Páscoa, mas da Quinta-feira Santa. A humilhação far-vos-á semelhantes a Jesus...”. Era uma mensagem de alento e força.

Por conta destas dificuldades econômicas que passaram a enfrentar, o Instituto foi obrigado a fechar as portas e Madre Gertrudes e Pe. Francisco Spinelli precisaram seguir caminhos separados. Com grande sofrimento, escreveu: “19 de janeiro de 1889 [...]. Hoje é o dia da terrível catástrofe... Meu Jesus, daqui a pouco estarão aqui para lacrar tudo... Socorrei-me nesta dura provação, ajudai-me por caridade. Os homens lacram as nossas coisas. E vós, lacrai o meu coração no vosso dulcíssimo e amável Coração, para não retirá-lo jamais... segurai-me em vós, meu querido Jesus. *Fiat voluntas tua*. Amém”. Este talvez tenha sido o maior de todos os desafios apresentados à Instituição, muito embora enfrentados com fé e coragem.

Diante de tal situação, Padre Francisco Spinelli e algumas Irmãs foram acolhidos pelo Bispo de Cremona, fundando assim o “Instituto das Irmãs Adoradoras de Rivolta D’adda”, outro núcleo religioso para dar seguimento aos seus propósitos. Madre Gertrudes, por sua vez, permanece buscando seu ideal e com o apoio de Dom Gian Batista Rota, Bispo de Lodi, retoma com persistência e determinação os seus trabalhos.

Como Superiora da Instituição, Madre Gertrudes seguia todas as coisas com a solicitude de uma mãe. Colocava-se a serviço de todas as suas Irmãs, com particular predileção às enfermas. Mantinha contato com cada uma das casas e através de inúmeras cartas encorajava, apoiava, guiava, dissipava dúvidas e incertezas de suas filhas, sempre zelosa, doce e delicada, sem impor-se e sem humilhar. Diante das dificuldades que cotidianamente se apresentavam, das adversidades e desafios que surgiam, Comensoli procurava manter a paciência e com espírito alegre enfrentava tudo, convicta de que qualquer sacrifício ou sofrimento dava-se para honrar o Senhor Jesus.

Com os anos, enquanto via crescer sua família religiosa, Madre Gertrudes escreve a Regra que deveria servir de guia para a formação e para vida comunitária das Sacramentinas. Depois de muitas fadigas, finalmente em 17 de junho de 1898, Madre Gertrudes apresentava ao Papa Leão XIII o pedido para obter a aprovação do Instituto e das Constituições. A resposta não demorou a chegar: em 11 de abril de 1900 o Papa exprimia a sua opinião favorável, louvando e recomendando o Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo.

Não obstante os desafios, Madre Gertrudes enfrentava os compromissos com constante serenidade. Contudo, na manhã fria de 10 de fevereiro de

1903, por volta do meio-dia, uma irmã encontrou-a febril e delirante. Ao ser chamado com urgência, o médico diagnosticara uma pneumonia dupla. Com um quadro clínico sempre grave e pela inexistência de remédios eficazes, os dias que se seguiram foram difíceis, pois a Madre piorava sempre mais.

Em 18 de fevereiro de 1903, Monsenhor Bana celebra missa na qual lhe administra, pela última vez, a santa comunhão. Comensoli voltou-se às Irmãs que estavam junto ao leito e com voz débil, porém clara, proferiu suas últimas palavras: “Recomendo-vos a observância da Regra... o silêncio... o sacrifício... a pobreza... a obediência”. Entre as mãos segurava um crucifixo e, voltando seu último olhar para o ostensório, logo perguntou: “A adoração continuará sempre?”. Obtendo uma resposta positiva, agradeceu e sorriu. Ao meio-dia expirou.

Depois da morte da Fundadora, o Instituto, desejoso de difundir seu ideal carismático e na escuta do Espírito, acolhe a oportunidade que lhe é oferecida para ampliar sua ação apostólica na Itália e expande-se também, posteriormente, para várias outras partes do mundo.

Após uma vida de santidade e com um legado inestimável, em 18 de fevereiro de 1928 é aberto o processo canônico para reconhecimento das virtudes e milagres da Madre Fundadora, sendo a heroicidade das virtudes reconhecida por São João XXIII em 26 de abril de 1961. Em 1º de outubro de 1989, São João Paulo II a declara beata, e em 26 de abril de 2009, o Papa Bento XVI, num rito solene de canonização, declara-a publicamente Santa Gertrudes Comensoli.

“Jesus, amar-te e fazer-te amado!”

Em sua autobiografia (de 1879), em cartas às suas Irmãs e em pensamentos isolados que ia registrando, Madre Gertrudes nos deixou caminhos para compreendermos as inúmeras manifestações de Deus em sua vida. Neles, encontramos as múltiplas faces de sua santa vivência.

Uma destas manifestações foi, sem dúvida, a perseverança. Em toda a sua obra, não se tem registros de momentos de desânimo ou desistência, mas, ao contrário, mesmo quando a Congregação era abalada por dificuldades diversas, ela mantinha-se firme em seu propósito. Sobre isso, ela escreveu: “Avante com coragem... trabalha e trabalha – a meta é alta, alta e pedregosa, cheia de espinhos... é preciso suar – sim, suar sangue se for preciso. Não te esqueças: ao paraíso não se vai de carruagem”. Nesta analogia, Madre

Gertrudes mostra sua disposição de enfrentar as adversidades em favor das causas de Deus. Propaga a coragem e o trabalho árduo como formas de se alcançar a plenitude, o paraíso celeste.

No entanto, mesmo sabendo do caminho íngreme que uma vida de fé e amor ao próximo e à Deus exige, ela recomendava que isso fosse feito com solicitude e prontidão como única maneira de crescimento espiritual. Sobre isso, falou: “Vive sempre com o coração aberto... confiante... cheio de fé, para que sejas capaz de realizar muito. O coração acanhado e mesquinho não é capaz de dar um passo na virtude”. Revela-se aí o dom da confiança em Deus que a acompanhou por toda a sua existência.

Um coração perseverante e confiante só se constrói por meio de uma profunda atitude reflexiva, própria daqueles que se propõem à permanente vigília de seus atos diante do Senhor. Em Madre Gertrudes podemos encontrar também a capacidade de reflexão, fazendo-a permanentemente pensar e repensar sua vivência. Por isso, recomendou: “Paciência em tudo, nunca uma palavra áspera, ofensiva, ressentida, encolerizada. Procura, com as tuas boas maneiras, ganhar todos e todas para Jesus. Para fazer isso, porém, é necessária muita atenção sobre nós mesmas e viver à presença adorável de Deus, refletindo bem antes de dizer meia palavra”.

Mesmo diante de tantos dons que se revelavam em si, Madre Gertrudes se mostrava exigente consigo e com todos que se diziam seguidores e crentes em Deus. Revelava-se, assim, o dom da determinação, pelo qual ela fazia e orientava que fosse feito sempre o máximo para crescer em santidade: “Façamos obras que santifiquem. Consideremos um nada tudo aquilo que não vale para a eternidade e para a glória de Deus”. Porém, ao mesmo tempo em que exigia esta doação absoluta a Deus, também sabia encorajar e mostrar apoios na caminhada de cada um: “Ele te ajudará sempre, basta que o chames. Sim, ele está sobre ti, atrás e diante de ti e ao teu lado”.

Perseverança, confiança, atitude reflexiva, determinação, coragem: Madre Gertrudes soube apropriar-se de todos estes dons que Deus lhe concedeu, agregando a eles a própria devoção, para construir uma santa trajetória de vida e uma obra religiosa que até hoje frutifica. O Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo formou-se a partir de seu ideal de amor e permanece fortalecido no pensamento central que conduziu a vida da Santa Fundadora: “Jesus, amar-te e fazer-te amado”.

A Congregação na atualidade

Atualmente, o Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo mantém como missão o culto a Jesus na Eucaristia e a educação das crianças, adolescentes e jovens. Além disso, as Irmãs Sacramentinas desenvolvem diversas atividades nas paróquias a que pertencem e estão presentes no continente Europeu (Itália e Croácia), no continente Africano (Kenya, Malawi e Tanzânia) e na América do Sul (Brasil, Equador e Bolívia).

Em todos estes lugares, os serviços são diversificados: escolas, creches, paróquias, comunidades populares. Em tudo, porém, a Adoração diante da presença Eucarística do Senhor Jesus permanece como fio condutor da vida de cada uma das religiosas-consagradas. É ali que elas aprendem a ver o Cristo glorioso na Eucaristia, o Cristo oprimido no excluído e o Cristo vivo na criança, no jovem e no idoso.

É esta a herança viva de Santa Gertrudes, aquela mulher simples e cheia de Deus que há cento e treze anos, no seu leito de morte, inclinava a cabeça na direção da janelinha do quarto que dava para o altar da exposição do Santíssimo Sacramento e iniciava sua eterna adoração. Ela permanece no Senhor Deus e sua obra se apresenta com sua intercessão cada dia mais atual e necessária.

IR. MARIA FLOR DE MAIO PIMENTA

As prioridades da CRB para o triênio 2016-2019

Uma iluminação a partir da Palavra de Deus: “Eis que estou fazendo uma coisa nova, e vocês não percebem?” (Is 43,19)

FREI CARLOS MESTERS, CARMELITA

A XXIV Assembleia Geral Eletiva da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil, realizada em Brasília de 11 a 15 de julho de 2016, teve como tema: “Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação” e como lema: “Eis que estou fazendo uma coisa nova” (Isaías 43,19).

Diz o Documento:

Com o profeta ousamos sonhar e alimentar nossa esperança. No entanto, junto com a humanidade, a sociedade e a Igreja, também a Vida Religiosa Consagrada se encontra numa encruzilhada. Precisamos fazer memória do passado, viver com novo encantamento o momento presente e avançar. A crise em que vivemos é oportunidade de construção de novos horizontes e de fortalecimento de nossa identidade, de crescimento na intercongregacionalidade e de atitudes mais ousadas.

Em seguida, o documento indica seis pistas para ação: 1. Voltar à primazia do Evangelho, redescobrimo a importância do silêncio e da mística na escuta da Palavra. 2. Resgatar a vida fraterna como caminho de seguimento em toda a sua dimensão humana. 3. Incentivar uma Vida “em saída” com um compromisso profético além de nossas fronteiras congregacionais. 4. Reavivar a proximidade com as Novas Gerações através de processos formativos que humanizem. 5. Reafirmar a opção pelos pobres com solidariedade e estilo de vida simples, comprometida com as causas sociais. 6. Promover ecologia integral com paixão pelo cuidado com a Casa Comum

e espiritualidade que propõe crescimento na humildade sadia e uma sobriedade feliz (cf. LS 222).

Estas seis pistas indicam o caminho para que “a crise em que vivemos” se transforme “em oportunidade de construção de novos horizontes” e que, assim, possamos “sonhar e alimentar nossa esperança” de encontrar uma resposta para a pergunta que Deus nos dirige através do profeta: “Eis que estou fazendo uma coisa nova: ela já está brotando! Não estão vendo?” (Is 43,19). No que segue procuramos apresentar uma iluminação a partir da Palavra de Deus para esta proposta tão bonita e tão importante da CRB.

“A crise em que vivemos....”

Uma crise, sobretudo uma crise de fé, vem devagar. É como o cupim que vai entrando nas vigas do telhado. O dono da casa não se dá conta, nem presta atenção. Vai vivendo despreocupado. De repente, um temporal cai sobre a casa e o telhado desaba. Desaba *de repente*, sim, mas é por causa da falta de cuidado do dono da casa que já vinha de longe.

Assim aconteceu com o povo da Bíblia. Desatento de tudo, permitiu que o cupim de uma falsa imagem de Deus fosse comendo por dentro a viga da sua fé. Ao longo dos 400 anos da monarquia (de 1000 a 600 a.C.), YHWH, o Deus libertador foi sendo reduzido à imagem de um Deus em tudo identificado com os interesses da monarquia. Os profetas alertavam sobre o perigo, mas ninguém lhes dava atenção (cf. Dn 9,6), pois havia muitos falsos profetas e falsos pastores que diziam o contrário (Jr 28,1-11; Ez 34,1-10). Os reis manipulavam a aliança em favor de seus próprios interesses comerciais. Quase todos eles são criticados na própria Bíblia. As consequências desta infidelidade foram aparecendo no empobrecimento do povo. Sinal de que a aliança estava quebrada. Pois se ela fosse observada, não poderiam aparecer os pobres. “Entre vocês não pode haver pobres!” (cf. Dt 15,4-11).

O cupim foi avançando e, no mês de agosto de 587 a.C., a tempestade desabou sobre a casa. Nabucodonosor, o rei da Babilônia, veio com seu exército e tudo foi destruído (2Rs 25,8-12; Jr 52,12-16). Perderam tudo aquilo que havia sido a expressão visível da presença de Deus: O *Templo* foi incendiado (2Rs 25,9). A *monarquia* já não existia (2Rs 25,7). A *terra* passou a ser a propriedade dos inimigos (2Rs 25,12; Jr 52,16). Os sinais tradicionais da presença de Deus foram destruídos como copo de vidro que se quebra em mil pedaços (cf. Jr 18,1-10; 39,1-10). Deus parecia estar longe e já não lhes mostrava mais o seu rosto (Sl 10,1; Sl 27,9; 30,8; 69,18). Muita

gente dizia: Nós quebramos o contrato com Deus, e sobre nós caíram as maldições previstas no contrato (cf. Dt 28,15-68); rompemos com Deus, e ele rompeu conosco conforme avisou tantas vezes (cf. Dt 6,14-15; 11,16-17). Veio a tempestade e tudo desabou!

A falsa imagem de Deus impedia o povo de opinar corretamente sobre a tragédia. É trágica a afirmação de Isaías: “Sua mente enganada o iludiu, de modo que ele não consegue salvar a própria vida nem é capaz de dizer: ‘Não será mentira isso que tenho nas mãos?’” (Is 44,20). Eram incapazes de descobrir a mentira que os impedia de enxergar (cf. Sl 36,3). Assim surgiu a crise, aparentemente, sem saída.

Como recuperar o olhar da fé que nos faz ter esperança

Naquele tempo, como hoje, muita gente se acomodou no cativeiro, abandonou a fé em YHWH e aderiu ao deus de Nabucodonosor, ou ao deus do sistema neoliberal. Outros, tanto hoje como ontem, não quiseram aceitar a realidade dura da crise e se agarraram ao passado. Preferiram lutar pelo retorno da monarquia e restaurar tudo do jeito que era no passado. Os discípulos de Isaías, porém, enfrentaram a crise e procuravam descobrir o que Deus estava querendo dizer ao povo por meio daquele terrível cativeiro? Como sair daquela escuridão? Qual o caminho? Onde está Deus? E surgia a prece: “Deus, onde estás?” (cf. Sl 42,4.11; 89,50; 115,2). Hoje acontece a mesma coisa. A imagem de Deus, as experiências de religião e as verdades da fé, da maneira como foram vividas no passado, estão tão arraigadas dentro de nós, tão identificadas com o nosso jeito de ser, que o atual processo de secularização parece ser uma ausência ou morte de Deus.

Os profetas procuraram e encontraram uma luz. Não a luz do fim do túnel, mas uma luz diferente *dentro* do túnel e que o povo não enxergava. Aquilo que parecia ser escuridão era mais claro que o sol do meio-dia (Sl 139,12). A escuridão era luminosa. A ausência de Deus era a sua presença!

Esta mesma busca de luz transparece no documento da CRB, quando afirma: “A crise em que vivemos é oportunidade de construção de novos horizontes e de fortalecimento de nossa identidade”. Vamos ver de perto os pontos principais que marcaram a caminhada do povo da Bíblia. Não se trata de uma sequência cronológica, mas de aspectos diferentes de uma mesma experiência de Deus e da vida.

1. A nova leitura da natureza

Naquele desespero do cativeiro, o profeta Jeremias soube reencontrar motivos de esperança. É como se dissesse: “Vocês dizem que Deus já não cuida de nós; que deixamos de ser povo de Deus! Eu afirmo que ele não nos abandonou. E sabem por quê? É que o sol vai nascer amanhã. Nabucodonosor pode ser forte, mas ele não consegue impedir o nascimento do sol amanhã”.

Eis a fala do profeta:

Assim diz Javé, aquele que estabelece o sol para iluminar o dia e ordena à lua e às estrelas para iluminarem a noite, aquele cujo nome é Javé dos exércitos: quando essas leis falharem diante de mim – oráculo de Javé –, então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre! (Jr 31,35-36).

E ainda:

Se vocês puderem romper a minha aliança com o dia e com a noite, de modo que já não haverá mais dia nem noite no tempo certo, também será rompida a minha aliança com o meu servo Davi (Jr 33,20-21).

Cada manhã, através da sequência dos dias e das noites, ele nos fala: “Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Javé e de meu servo Davi” (Jr 33,25-26).

Jeremias ajudou o povo a ler a natureza com um novo olhar. Nos fenômenos da natureza ele via um sinal da presença de Deus e da sua fidelidade para com o povo: a sequência inalterada dos dias e das noites; o sol que se levanta todos os dias; a alternância das estações do ano; as chuvas etc. Tudo isto era um sinal de que Deus não havia rompido sua aliança, como alguns andavam dizendo (cf. Is 49,14). A natureza tornou-se um sinal transparente da presença de Deus no meio do seu povo.

Esta nova visão de fé sobre a natureza tem uma atualidade muito grande hoje, em que o cuidado com o meio ambiente ocupa cada vez mais a preocupação de todos. Uma das pistas do documento da CRB pede: “Promover a ecologia integral com paixão pelo cuidado com a Casa Comum e espiritualidade que propõe crescimento na humildade sadia e uma sobriedade feliz”.

2. A redescoberta do amor eterno

Foi naquela mesma escuridão do cativeiro que os profetas redescobriram o amor fiel de Deus. Através do profeta Jeremias, Deus dizia ao povo: “Eu amei você com amor eterno; por isso conservei o meu amor por você” (Jr 31,3). E esta outra afirmação de Isaías: “Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de você o meu rosto; mas agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você, diz Javé, seu redentor” (Is 54,8). Foram os profetas que redescobriram esta dimensão do amor infinito de Deus (cf. Is 41,8-14; 49,15; Jr 31,31-37; Os 2,16-25). Nas entrelinhas transparece o seguinte sentimento. É como se Deus dissesse ao povo: “Depois de tudo que você fez, já não mereceria ser amado. Mas meu amor por você não depende do que fez ou faz por mim ou contra mim. Quando comecei a amar você, eu o fiz com um amor eterno. Por isso, apesar de tudo que me fez, apesar de todos os seus defeitos, eu amo você para sempre! ‘Pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você’ (Is 49,15)”.

A redescoberta do amor eterno de Deus devolveu ao povo a autoestima, ajudou-o a superar o sentimento de culpa e levou-o a dar uma resposta de amor observando os Dez Mandamentos ou, como eles diziam, as *Dez Palavras* (cf. Dt 4,13; 10,4). A palavra *amor* em hebraico é *hêsed*. A tradução mais correta é “amor fiel”. Agora eles sabem que nada, nem mesmo o fracasso, pode separá-los do amor fiel de Deus (Is 40,1-2a; 41,9-10.13-14; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; 54,7-8 etc.; cf. Rm 8,35-39).

A redescoberta do amor eterno de Deus confere um novo olhar ou, como diz o documento da CRB: “Faz redescobrir a importância do silêncio e da mística na escuta da Palavra”. Do lado de fora, nada mudou. Você continua vendo a mesma natureza, os mesmos fatos, a mesma política, a mesma igreja, as mesmas pessoas. Do lado de dentro, tudo mudou. O novo olhar ajuda a descobrir os sinais dos apelos de Deus e gera um novo compromisso com a verdade e com a prática da justiça.

3. A nova imagem de Deus: Deus de família

Lá no cativeiro, longe de Jerusalém, os valores que antes faziam parte da vida já não existiam: a posse da terra, o templo, o culto, o sacrifício, o sacerdócio, a monarquia. O único espaço de uma relativa autonomia que ainda sobrava era a família: pai, mãe, marido, esposa, irmãos, o mundo pequeno e frágil da família, da “casa”. Ora, foi neste pequeno espaço da “casa”, da

família, do clã, que renasceu uma nova experiência de Deus. A nova imagem de Deus, transmitida pelos discípulos de Isaías, reflete este ambiente familiar da *Casa*: Deus é Pai (Is 63,16; 64,7), é Mãe (cf. Is 46,3; 49,15-16; 66,12-13), é Marido (Is 54,5; 62,5), é o parente próximo (*goél* ou irmão mais velho) (Is 41,14; 43,1). O Deus que antes estava ligado ao Templo, ao culto oficial, ao sacerdócio, ao clero, à monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas *Casa*, e não *Templo*.

Eles *humanizaram a imagem de Deus, sacralizaram a vida, a família, o clã, a comunidade, como o espaço do reencontro com Deus*. Deus agora *se esconde* e se revela (cf. Is 45,15) onde antes ninguém o procurava: *em casa*, no relacionamento diário familiar, no meio do povo exilado e excluído! Foi a partir deste mundo limitado da “casa”, sem prestígio e sem poder, que tudo renasceu e continua renascendo, até hoje. É como a renovação das igrejas na América Latina a partir das Comunidades Eclesiais de Base! Uma renovação imprevisível e inimaginável a partir do antigo olhar de fé.

4. Processo da releitura: repensar todas as coisas

A nova maneira de olhar a natureza, a redescoberta do amor eterno e o reencontro com Deus em *casa* deram olhos novos para entender de maneira nova o sentido de tudo que eles tinham vivido no passado. Começaram a reler a natureza, a história, a política, a criação, o passado e o presente, e, assim, começaram a *reintegrar* todos os aspectos daquela vida desintegrada do povo exilado. Foi um longo processo de dezenas de anos. A expressão final desta releitura, iniciada no cativeiro, é a própria Bíblia.

Eles começaram a lembrar as histórias do seu passado, não para aumentar a saudade, mas para transformar a saudade em esperança: “Deus não nos abandonou. A caminhada continua! Estamos refazendo a história”. Lembram a aliança de Deus com Noé (Is 54,8-9) e o chamado de Abraão e Sara (Is 51,1-2; 41,8). Lembram sobretudo o Êxodo: o fim da escravidão (Is 40,2); o caminho pelo deserto (Is 40,3); o cântico à beira do mar Vermelho (Is 42,10); a travessia do mar (Is 43,2); a água que brota do chão (Is 44,3); a efusão do Espírito (Is 44,3; Nm 11,17.25) etc. “Estamos envolvidos num novo Êxodo, maior que o primeiro” (Is 43,16-19).

As palavras antigas recebem um novo sentido, uma nova perspectiva: O *povo de Deus* já não é uma raça, pois agora também os estrangeiros fazem parte (Is 56,3.6-7). O *Templo* já não é só para os judeus, mas será casa de

oração para todos os povos (Is 56,7). O *sacerdócio* não é só de Levi, pois estrangeiros receberão o mesmo sacerdócio (Is 66,20-21). O *reino* já não é a monarquia de Davi, mas sim o Reino Universal de Deus (Is 52,7-10). O *messias* (ungido) não é só o rei davídico, mas também Ciro, o Rei dos persas (Is 45,1; 44,28). A *eleição* já não é um privilégio, mas sim um serviço a ser prestado a toda a humanidade, de ser “Luz das Nações” (Is 42,1-6; 49,6). A nova experiência de Deus ajudou-os a perceber os erros e enganos da ideologia do tempo dos reis, e foi fonte de criatividade para repensar, um por um, os valores do passado, libertá-los dos erros e das limitações, adaptá-los à nova situação. Hoje, este mesmo processo de releitura e de revisão já está em andamento desde o Concílio Vaticano II e, aqui entre nós na América Latina, desde o encontro de Medellín, Puebla e Aparecida.

5. Os dois decálogos da criação e da aliança: “Assim na terra como no céu!”

Os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías são os textos da Bíblia que mais usam a palavra *criar*, mais de vinte vezes! É a nova compreensão da ação criadora de Deus. O verbo *BARÁ* (criar) indica a qualidade da ação com que Deus acompanha e cuida do seu povo. Uma ação capaz de vencer o caos e de gerar vida. Deus *cria* o universo e a terra; *cria* também o povo e o Êxodo (Is 43,15). Tudo é fruto da ação criadora. “YHWH que te criou, aquele que estendeu os céus e fundou a terra” (Is 51,13), ele liberta, salva e conduz o povo com um poder criador (Is 40,25-31). Ação salvadora e ação criadora se identificam. O Deus que chama Abraão é o Deus Criador. O Deus que cria o mundo é o Deus que chama Abraão. Iluminação mútua entre Criação e Salvação. A Lei de Deus entregue ao povo no Monte Sinai tem no seu centro as *Dez Palavras* da Aliança (Ex 20,1-17; Dt 5,6-22). Da mesma maneira, a narrativa da Criação tem no seu centro *Dez Palavras* de Deus. O autor que fez a redação da narrativa da Criação repete dez vezes a expressão “Deus disse” (Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26.28.29). Como fez para o povo, dando-lhe a lei no Monte Sinai, assim Deus fez para as criaturas: “fixou-lhes uma lei que jamais passará” (Sl 148,6).

A beleza da harmonia que admiramos no universo é fruto da obediência das criaturas às *Dez Palavras* da lei da criação (Gn 1,1-2). Ao contrário do povo tantas vezes infiel, as criaturas são fiéis. Elas sempre observam a lei que Deus fixou para elas. Graças a esta fidelidade, existe a harmonia que admiramos na natureza. No *Pai-Nosso* Jesus pede: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu”. Jesus pede que nós cheguemos a observar

a lei da aliança com a mesma perfeição com que o sol e as estrelas do céu observam a lei da criação. É na contemplação da harmonia do universo que as comunidades descobrem como devem realizar sua missão.

6. Os dois livros de Deus: natureza e Bíblia

O primeiro livro de Deus não é a Bíblia, mas sim a natureza, o universo, a vida. É através do *Livro da Natureza* que Deus quer falar conosco. Deus criou as coisas *falando*. Tudo que existe é a expressão de uma palavra divina, como diz o salmo: “O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite. Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida, a toda a terra chega o seu eco, aos confins do mundo a sua linguagem” (Sl 19,2-5). Cada ser humano é uma palavra ambulante de Deus (Gn 1,27).

Mas nós já não nos damos conta de que vivemos no meio do livro de Deus e que cada um de nós é uma página viva deste livro divino. Há algo que nos impede de reconhecer a presença da Palavra na vida, algo que “sufoca a verdade” (Rm 1,18; cf. Is 44,20; Sl 36,3). O que é que nos impede de enxergar? É o pecado, esta nossa mania de querer dominar tudo, de tratar a natureza como mercadoria e de achar que somos donos de tudo. Por isso, as letras do *Primeiro Livro* de Deus se atrapalharam, e já não conseguimos descobrir a fala de Deus no *Livro da Vida*. Perdemos o olhar da contemplação, a capacidade de admirar. Para remediar isto nasceu o *Segundo Livro* de Deus, a Bíblia.

A Bíblia não foi escrita para substituir o Livro da Vida, mas para ajudar-nos a interpretá-lo melhor e a descobrir nele os sinais da presença de Deus. A leitura da Bíblia nos devolve o olhar da contemplação, ajuda a decifrar o mundo e faz com que o Universo se torne novamente uma revelação de Deus.

7. A nova missão do povo de Deus: servir

Naquele ambiente escuro e luminoso do cativeiro, o povo foi descobrindo que a sua missão como povo de Deus já não é ser um povo privilegiado acima dos outros povos, mas sim ser um *povo servo*, cuja missão é revelar o amor de Deus, irradiar a justiça, ser “Luz das Nações”. Os quatro cânticos do Servo de Javé falam desta missão (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12).

Na figura do Servo, eles apresentam ao povo exilado um modelo de como devem entender e realizar a sua missão como povo de Deus.

No livro de Isaías, a figura do Servo de YHWH não é um indivíduo determinado, mas é o próprio povo, o povo do cativo, descrito no quarto cântico como um povo oprimido, sofrido, desfigurado, sem aparência de gente, povo explorado, maltratado e silenciado, sem graça nem beleza, cheio de sofrimento, evitado pelos outros como um leproso, condenado como criminoso, sem julgamento nem defesa (cf. Is 53,2-8). Retrato perfeito de uma terça parte da humanidade de hoje!

Os quatro cânticos são uma espécie de cartilha para ajudar o povo a descobrir sua missão. Descrevem os quatro passos que o Servo deve percorrer para realizar a sua missão: o primeiro cântico (Is 42,1-9) descreve como Deus escolhe e apresenta o povo oprimido para ser o seu Servo. O segundo cântico (Is 49,1-6) mostra como este povo, ainda sem fé em si mesmo, vai descobrindo sua missão. O terceiro (Is 50,4-9) relata como o povo assume a sua missão e a executa apesar da perseguição. O quarto (Is 52,13 a 53,12) é uma profecia a respeito do futuro do Servo e da sua missão: ele vai ser morto, mas a sua morte será fonte de salvação para todos.

No fim, um breve resumo dos quatro cânticos define a missão do Servo (Is 61,1-2). Foi este resumo que Jesus escolheu para apresentar-se com a sua missão diante da comunidade de Nazaré (Lc 4,18). Jesus é o primeiro que percorreu os quatro passos até o fim. Por isso, ele se tornou a chave principal para entendermos todo o significado da missão do Servo, descrita no livro de Isaías.

Em Jesus, o modelo da missão do *Servo* retomou forma e vigor. Ele disse: “Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (Mt 20,28). Aprendeu de Maria, sua mãe, que dizia: “Eis aqui a serva do Senhor!” (Lc 1,38). Ela aprendeu da tradição dos *Anawim* (pobres) que ensinava: estamos no mundo não para dominar, mas para servir.

8. Nova Pastoral: ternura, diálogo, reunião, consciência

A descoberta da presença amorosa de Deus na vida tornou-se a fonte de uma nova pastoral marcada pela *ternura*, pelo *diálogo* e pela insistência em fazer *reunião* e criar *consciência crítica*, que transparece nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Eis alguns aspectos.

Ternura

Para a pessoa que vive machucada e triste na solidão do cativo, não bastam as imposições e advertências, nem servem os argumentos da análise crítica da realidade, para que ela levante a cabeça e comece a enxergar a situação com esperança renovada. É necessário, antes de tudo, cuidar das feridas do coração, acolhendo as pessoas com muita ternura. Os discípulos de Isaías têm uma conversa cheia de ternura. Eles “não gritam nem apagam a vela que ainda solta um pouco de fumaça” (Is 42,2-3). Machucados, não machucam. Oprimidos pela situação em que se encontram, não oprimem, mas acolhem o povo com muito respeito. Tentam chamá-lo pelo próprio nome (Is 43,1). Usam uma linguagem simples e concreta, numa atitude de ternura, que funciona como bálsamo e dispõe as pessoas para olharem a realidade com mais objetividade.

Há muitas expressões e imagens de ternura espalhadas pelos capítulos 40 a 66 de Isaías: Is 40,1-2a; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16 etc. Eis um exemplo: “Tu és o meu servo! Eu te escolhi, não te rejeitei. Não temas, porque eu estou contigo. Não fiques apavorado, pois eu sou o teu Deus. Eu te fortaleço, sim, eu te ajudo, eu te sustento com a minha direita justiceira! ... Não temas! Sou eu que te ajudo! Não temas, vermezinho de Jacó, meu bichinho de Israel! Eu mesmo te ajudarei. Oráculo de Javé, teu redentor é o Santo de Israel!” (Is 41,9-10.13-14; cf. Is 54,7-8).

Diálogo

Nos capítulos 40 a 66, transparece uma atitude de diálogo. Os discípulos de Isaías conversam com o povo, escutam, fazem perguntas, questionam e o levam a refletir sobre os fatos (cf. Is 40,12-14.21.25-27 etc.). Ensinam dialogando em pé de igualdade. Este jeito de ensinar é próprio de quem se considera discípulo, e não dono da verdade: “O Senhor me deu uma língua de discípulo para que eu saiba trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta meu ouvido, para que eu ouça como os discípulos” (Is 50,4). Um discípulo não impõe suas ideias, mas ensina aprendendo dos outros. Eis um exemplo de como faziam: “Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas tu, Israel: ‘O meu caminho está oculto a Javé; meu direito passa despercebido a Deus?’ Então não sabes? Por acaso não ouviste isto? Javé é um Deus eterno, criador das regiões mais remotas da terra. Ele não se cansa nem se fatiga, sua inteligência é insondável” (Is 40,27-28).

Por este seu jeito de conviver com o povo, os discípulos de Isaías não só falam sobre Deus, mas também o revelam, comunicam algo daquilo que

eles mesmos vivem. Deus se faz presente nesta atitude de ternura e de diálogo. O povo se dá conta de que o Deus dos discípulos é diferente do deus da Babilônia, diferente também da imagem de Deus que eles ainda carregavam na memória, desde os tempos da monarquia. Assim, aos poucos, o povo começa a perceber algo do novo que está acontecendo. “Eis que estou fazendo uma coisa nova! Vocês não estão vendo?” (Is 43,19).

Reunião

É neste mesmo período do cativeiro que eles começam a insistir de novo na observância da lei já antiga do sábado (Is 56,2-4; 58,13-14; 66,23; cf. Gn 2,2-3). Fazem reunião de noite e perguntam: “Levantem os olhos para o céu e observem: Quem criou tudo isso? É Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme a sua força que nenhuma delas deixa de se apresentar. Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: ‘Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa?’” (Is 40,26-27). A insistência na observância do sábado era para que o povo tivesse ao menos um dia por semana, o sábado, para se encontrar, partilhar sua fé e rezar juntos.

Nestas reuniões eles refrescam a memória (Is 43,26; 46,9), contam as histórias de Noé, de Abraão e Sara, lembram o êxodo (Is 43,16-17), apontam os fatos da política e perguntam: “Quem é que faz tudo isto?” (Is 41,2). A resposta é sempre a mesma: “É YHWH, o Deus do povo, o nosso Deus!”. Assim, a natureza deixa de ser o santuário dos falsos deuses; a história já não é mais decidida pelos opressores do povo; o mundo da política já não é mais o domínio de Nabucodonosor. Por trás de tudo começam a reaparecer os traços do rosto de YHWH, o Deus do povo. A natureza, a história e a política deixam de ser estranhas e hostis ao povo e tornam-se aliadas dos pobres na sua caminhada como Servo de Deus.

Consciência crítica

Foi necessária muita paciência para que o povo se reanimasse a crer novamente em si mesmo e em Deus (Is 49,4.14). O desânimo era muito grande. Eles eram como o profeta Elias deitado debaixo da árvore querendo morrer (1Rs 19,4). Até para cantar eles tinham perdido o gosto (Sl 137,1-4). Esse desânimo tinha duas causas, ligadas entre si: uma *externa* que, de fora, pesava sobre eles: a destruição de Jerusalém, o cativeiro; e outra *interna* que, por dentro, esvaziava o coração: a falta de visão e de fé. Deus parecia estar ausente. Nabucodonosor parecia ser o dono de tudo.

Os discípulos atacam as duas causas: desfazem o peso da opressão e enchem o vazio do coração. Para *desfazer o peso da opressão* eles usam o bom senso e fazem uma análise crítica da realidade. Desmascaram o poder que oprime e a ideologia dominante que engana. Tudo é analisado e criticado com ironia e precisão, e confrontado com a nova visão que a fé em Deus lhes comunica (cf. Is 40,15.17.22.23; 41,6-7.21-29; 44,18-20.25; 47,1-15). Para *encher o vazio do coração* os discípulos ajudam o povo a ler, de maneira nova, o mundo que os envolve e a perceber nele os sinais da presença amorosa de Javé (Is 41,1-5; 44,27-28; 45,1-7; 54,7-8; 55,8-11). Assim, eles vão descobrindo que a casa preferida de Deus é no meio do seu povo oprimido e exilado. Deus faz opção pelos pobres: “Eu estou contigo!” (Is 41,10). “Troco tudo por ti!” (Is 43,4) É lá que ele deve ser procurado (cf. Is 55,6), e é de lá que ele quer irradiar sobre o mundo como “Luz dos Povos” (Is 42,6; 49,6).

Assim, enchendo o vazio do coração e enfraquecendo o peso da opressão, eles deslocam o peso da balança. O povo se equilibra de novo na vida. Agora, já não é a perseguição que enfraquece a fé, mas é a fé renovada que enfraquece o poder dos poderosos. A face de Deus reaparece na vida. Animado por esta Boa Notícia, o povo desperta (Is 51,9.17; 52,1), se põe de pé (Is 60,1), começa a cantar e a resistir (Is 42,10; 49,13; 54,1; 61,10; 63,7).

9. Uma nova celebração da vida

Os Salmos nos dão uma ideia do que significava para o povo do cativeiro a fé no poder criador de Deus. Rezando os salmos, o povo experimentava e adivinhava quem era o Deus que estava com eles naquela escuridão do cativeiro, naquele desânimo sem futuro, e qual o poder com que ele acompanha o seu povo! A redescoberta da presença criadora da palavra de Deus foi como uma ressurreição que iluminou a vida e a própria natureza! Humanizou a vida! Eis alguns salmos:

- Salmo 8: “A tua presença irrompe por toda a terra!” Deus se revela na natureza.
- Salmo 19(18): “Os céus cantam a glória de Deus!” Eles são expressão da lei de Deus.
- Salmo 46(45): “Deus é nosso refúgio e nossa força!” Ele está conosco! Não temos medo.
- Salmo 104(103): “Envia teu Espírito e tudo será criado!” A ordem da criação vem de Deus.

- Salmo 136(135): “Criou o céu e a terra! Eterno é seu amor!” Tudo é revelação do amor.
- Salmo 139(138): “Tu me conheces quando estou sentado!” O Criador está presente em tudo.
- Salmo 148: “Aleluia! Louvai a Javé todas as criaturas!” Convite ao louvor universal.

10. O ponto de chegada em Jesus

A longa caminhada das comunidades do Antigo Testamento encontrou a sua confirmação em Jesus, na sua maneira de viver a vida, de anunciar a Boa-Nova e de reconstruir a convivência.

Jesus refaz o relacionamento humano na base, na “casa”

Numa época em que a religião oficial insistia no espaço sagrado do Templo, Jesus recupera a dimensão caseira da fé. O ambiente da *casa* exerce um papel central na vida de Jesus. Quando se fala em *casa*, não se trata só da casa de tijolos, nem só da pequena família, mas também e sobretudo do clã, da comunidade. Até à idade de trinta anos, Jesus viveu no ambiente caseiro e comunitário lá em Nazaré. Durante os três anos que andou pela Galileia, ele vivia nas *casas* do povo. Entrou na *casa* de Pedro (Mt 8,14), de Mateus (Mt 9,10), de Jairo (Mt 9,23), de Simão, o fariseu (Lc 7,36), de Simão, o leproso (Mc 14,3), de Zaqueu (Lc 19,5). O oficial reconheceu: “Não sou digno de que entres em minha *casa*” (Mt 8,8). E o povo procurava Jesus na *casa* dele (Mt 9,28; Mc 1,33; 2,1; 3,20). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia na *casa* de Marta, Maria e Lázaro (Jo 11,3.5.45; 12,2). No envio dos discípulos e discípulas, a missão deles é entrar nas *casas* do povo e levar a paz (Mt 10,12-14; Mc 6,10; Lc 10,5-7).

Jesus reconstrói a vida comunitária nos povoados da Galileia

No antigo Israel, o clã, a família ampliada, a comunidade, era a base da convivência social. Era a garantia das tradições que davam identidade às pessoas. Era a maneira concreta de encarnar o amor a Deus e ao próximo. Defender o clã, a comunidade, era o mesmo que defender a aliança entre Deus e o povo. Mas na época de Jesus, devido à política dos romanos e ao sistema da religião oficial, a vida comunitária estava sendo desintegrada. Mais da metade do orçamento familiar ia para os impostos, taxas, tributos, díizimos. Tais políticas excludentes geravam doentes, famintos, marginalizados, viúvas, órfãos, possesores, pobres. Esta situação levava as famílias a se

fecharem sobre si mesmas, impossibilitadas de exercerem seu dever de *goél*, de ajuda desinteressada aos parentes do mesmo clã ou comunidade. A própria família de Jesus queria impedir que ele se preocupasse com os outros e queriam levá-lo de volta para Nazaré. Jesus reage: “Quem é minha mãe e meus irmãos? É todo aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus” (Mc 3,33-35). Jesus alarga a família, reconstrói o clã, a comunidade. Ele quer evitar que as famílias se fechem sobre si mesmas e, assim, desintegram a vida do clã, da comunidade. Por isso ele diz: “Se alguém vem a mim, e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, irmãos, irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26). Ele manda que as pequenas famílias se abram para a vida em comunidade.

Jesus cuida dos doentes e acolhe os excluídos

Jesus anuncia o Reino para todos! Não exclui ninguém. Mas o anuncia a partir dos excluídos. Ele oferece um lugar aos que não tinham lugar. Acolhe os que não eram acolhidos. Recebe como irmão e irmã os desprezados e excluídos: os *imorais* – prostitutas e pecadores (Mt 21,31-32; Mc 2,15; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11); os *hereses* – pagãos e samaritanos (Lc 7,2-10; 17,16; Mc 7,24-30; Jo 4,7-42); os *impuros* – leprosos e possesores (Mt 8,2-4; Lc 11,14-22; 17,12-14; Mc 1,25-26); os *marginalizados* – mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32; Mt 8,16-17; 19,13-15; Lc 8,2-3); os *colaboradores* – publicanos e soldados (Lc 18,9-14; 19,1-10); os *pobres* – o povo da terra e os pobres sem poder (Mt 5,3; Lc 6,20-24; Mt 11,25-26).

Jesus vai ao encontro das pessoas

Em vez de encerrar-se numa sinagoga e exercer o poder de um escriba, Jesus torna-se um pregador ambulante. Onde encontra gente para escutá-lo, ele fala e transmite a Boa-Nova de Deus: nas *sinagogas*, durante a celebração nos sábados (Mc 1,21; 3,1; 6,2); em *reuniões* informais nas casas de amigos (Mc 2,1.15; 7,17; 9,28; 10,10); andando pelo *caminho* (Mc 2,23); à beira da *praia*, sentado num barco (Mc 4,1); no *deserto* onde o povo o procura (Mc 6,32-34); na *montanha*, de onde proclama as bem-aventuranças (Mt 5,1-2); nas *praças* das cidades (Mc 6,55-56); mesmo no *Templo* de Jerusalém, nas romarias, diariamente (Mc 14,49)! Ele vai ao encontro das pessoas, estabelecendo com elas uma relação direta através do acolhimento. Antes de propor ou expor um conteúdo doutrinário, Jesus propõe um caminho de vida. A resposta é *seguir* Jesus neste caminho: “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso” (Mt 11,28).

Jesus recupera igualdade entre homem e mulher

Jesus acolhe a resistência das mulheres contra a sua exclusão. A moça *prostituída* é acolhida contra o fariseu (Lc 7,36-50). A mulher *encurvada* é acolhida como filha de Abraão contra o dirigente da sinagoga (Lc 13,10-17). A mulher *adúltera*, acusada pelos fariseus, não foi condenada (Jo 8,3-11). A mulher *impura* é acolhida e curada (Mc 5,25-34). No evangelho de João, a Samaritana, desprezada como *herética*, é a primeira pessoa a receber o segredo de que Jesus é o Messias (Jo 4,26). A mulher *estrangeira* de Tiro e Sidônia é atendida por ele (Mc 7,24-30). As *mães com filhos pequenos* que enfrentam os discípulos são acolhidas e abençoadas (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16). As mulheres, que ficaram perto da cruz de Jesus (Mt 27,55-56.61), foram as primeiras a experimentar a presença de Jesus ressuscitado (Mt 28,9-10). Maria Madalena, considerada *possessa*, mas curada por Jesus (Lc 8,2), recebeu a *ordem* de transmitir a Boa-Nova da ressurreição aos apóstolos (Jo 20,16-18). Muitas mulheres seguiam Jesus e faziam parte da comunidade de discípulos ao redor de Jesus (Lc 8,2-3; Mc 15,40-41).

Jesus supera as barreiras de gênero, religião, raça e classe

Jesus supera as barreiras de gênero, de religião, de raça e de classe, e sabe reconhecer as coisas boas que existem nas pessoas de outra raça e religião. Ele acolhe lições da parte da Cananeia (Mt 15,27-28), da Samaritana (Jo 4,31-38) e até dos Romanos (Mt 8,5-13). Ele conversa com Nicodemos (Jo 3,1), um membro da classe alta, com assento no Sinédrio. Estabelece um diálogo construtivo com a samaritana, superando a difícil barreira da religião. Para a samaritana, Jesus era um judeu (Jo 4,9), ou seja, um inimigo religioso, opressor dos samaritanos. Pacientemente, Jesus deixa transparecer que *ser judeu* não é *ser inimigo*. Para estabelecer um diálogo com ela, Jesus começa a conversa revelando uma carência, dizendo: “Dá-me de beber!”. Revelar uma carência é uma boa maneira para iniciar uma conversa. O longo diálogo mostra o quanto Jesus estava aberto para a presença das mulheres em seu grupo. Os próprios discípulos ficam surpresos com o diálogo de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4,27).

Jesus recupera a dimensão sagrada e festiva da casa

Jesus, sua mãe e todos os discípulos participam da festa de casamento em Caná (Jo 2,1-2). Jesus aceita o convite para almoçar e jantar nas casas do povo: de Simão, o leproso (Mc 14,3), de Simão, o fariseu (Lc 7,36), de Marta e Maria (Jo 12,2), de outro fariseu (Lc 11,37; 14,12). Foi na sala superior da *casa* de um amigo que Jesus celebrou a última Páscoa com seus

amigos (Mt 26,18-19). Envia os discípulos para reconstruir as quatro bases da vida comunitária: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida aos excluídos (Lc 10,1-9). Jesus entrou em *casa* com os discípulos em Emaús e foi reconhecido no gesto tão caseiro da fração do pão (Lc 24,29-30.35).

“Eis que estou fazendo uma coisa nova! Vocês não o percebem?” (Is 43,19)

Foi esta a Boa-Nova que Jesus viveu durante toda a sua vida e que ele irradiou durante os três anos que andou pela Galileia anunciando o Reino de Deus. Os fariseus tinham perguntado a Jesus sobre o momento em que chegaria o Reino de Deus. Jesus respondeu: “O Reino de Deus não vem ostensivamente. Nem se poderá dizer: ‘Está aqui’ ou: ‘está ali’, porque o Reino de Deus está no meio de vocês” (Lc 17,20-21). Todo o trabalho de Jesus durante os três anos que andou pela Galileia tinha por objetivo ajudar o povo a perceber os sinais do Reino presente na vida. “Não estão vendo?” (cf. Is 43,19).

O povo o percebeu e acolheu a mensagem. Gostava de ouvir Jesus e o procurava para escutar a sua palavra (cf. Mc 1,21.39; 2,2.11 etc.). Mas muitos doutores e escribas não o acolheram. Ao contrário! Como dissemos, a imagem de Deus, as experiências de religião e as verdades da fé, da maneira como eram vividas e ensinadas por eles, estavam tão arraigadas dentro deles, tão identificadas com o seu jeito de ser, que a Boa-Nova de Deus, anunciada por Jesus, lhes parecia ateísmo que merecia a pena de morte. Para eles, Jesus era um samaritano (Jo 8,48), um homem blasfemo (Jo 10,33), enganador do povo (Jo 7,12), possesso do diabo (Jo 7,20; 8,48), um beberrão (Mt 11,19), um louco que delira (Jo 10,20), um sem Deus (Jo 9,16).

E para nós? As seis pistas de ação da CRB para este triênio são um caminho seguro para limpar nosso olhar, perceber a fala de Deus na vida e estimular em nós o processo de transformação. Elas atualizam para hoje a mensagem tão bonita e provocadora do profeta Isaías:

Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas; vejam que estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e vocês não percebem? Abrirei um caminho no deserto, rios em lugar seco. As feras me glorificarão, como os lobos e avestruzes, porque eu oferecerei água no deserto e rios na terra seca para matar a sede do meu povo, do meu escolhido, o povo que eu formei para mim, para que proclame o meu louvor (Is 43,18-21).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais os apelos de Deus que estou enxergando na realidade de hoje e que eu antes não enxergava? Como explicar a mudança que houve em mim?
2. Quem é Jesus para mim? O que mais aprecio na sua maneira de falar sobre Deus?
3. De que maneira a luz da Palavra de Deus me ajuda a entender e a realizar a proposta da CRB para este triênio?

Formação continuada: um itinerário formativo para toda a vida

IR. JARDELINO MENEGAT*

Reflexões introdutórias

Temos a convicção de que a formação para o consagrado deve ser contínua e durante toda a vida. Para o consagrado, a formação somente termina no último instante de sua vida. A idade acumula sabedoria, mas há aspectos da nossa formação que não vêm de graça. Deus nos concede a capacidade, mas é preciso dedicação e empenho de nossa parte.

Nos dias atuais, a formação é vista como um itinerário formativo, isto é, um caminho, um percurso de busca intencional, pessoal, comunitária, provincial e de congregação. Por sua vez, um itinerário formativo não se reduz a um somatório de cursos e atividades. Pelo contrário, opõe-se à uniformização e à formatação de etapas, programas fechados e previamente definidos. E, também, não se constitui em um processo somente intelectual, nem apenas afetivo e espiritual, mas, sim, é resultante do somatório de todos eles. Para o consagrado, um itinerário formativo tem que levar em conta as condições, intencionalidades, destinatários, etapas, processos, metodologias e conteúdo.

Pensar a formação em termos de trajetos e caminhos significa olhar com atenção as oportunidades, as possibilidades e alternativas que incluem encontros, desencontros, superação dos esquemas e procedimentos tradicionais. Por isso que é tão importante levar em consideração elementos como

* **Jardelino Menegat** é Irmão das Escolas Cristãs, Lassalista (FSC). Reitor do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro – UNILASALLE-RJ. **E-mail:** jardelino.menegat@lasalle.org.br.

a flexibilidade, a pluralidade e a heterogeneidade nos processos formativos, visto que cada pessoa transita em seu itinerário de modo pessoal e intransferível.

Na formação, os caminhos e os trajetos precisam ser considerados, assim como o transcurso subjetivo dos destinatários e as exigências da Província e da Congregação. Os trajetos ou caminhos formativos impõem determinadas condições para serem construídos e percorridos, e demandam certos dispositivos para favorecer o assentamento de algumas pontes e interligações entre o pessoal e o institucional. As experiências cotidianas são espaços privilegiados para a formação continuada do consagrado.

É importante que as instituições, como as comunidades religiosas, as províncias e a congregação favoreçam e valorizem a formação do dia a dia, mediante ambiente favorável e cultura institucional que possibilitem o seu desenvolvimento. No contexto institucional (comunidade religiosa, província e congregação) são importantes as revisões dos procedimentos e processos formativos que nutrem o pessoal e o institucional. Que tenha “mãos” que acompanhem e ajudem, “gestos” que habilitem para o crescimento pessoal e institucional, “espaços” comunitários acolhedores, “escutas” que permitam que outros falem, “discursos” que facilitem a interação e que se autorizem a livre expressão da palavra, que permitam perguntar e falar, e que auxiliem a busca do importante e do essencial para a Vida Religiosa Consagrada.

A formação continuada exige acompanhar as pessoas, e isso significa estar junto delas nos itinerários formativos de sua caminhada. Este processo formativo significa estimular ou motivar espaços de encontros pessoais e institucionais para que sejam incrementadas as potencialidades na perspectiva de novas possibilidades formativas. A formação continuada necessita cuidado especial para o desenvolvimento positivo das potencialidades humanas que resultam na constituição de pessoas livres, autênticas e comprometidas com os valores do Reino de Deus.

Os itinerários formativos pressupõem o acompanhamento da pessoa por toda a vida, considerando-a em sua unidade, nos relacionamentos, na complexidade e integralidade, para resistir à fragmentação e desintegração dos processos lineares de formação que ainda persistem em nossas comunidades, províncias e congregações.

No acompanhamento pessoal, grupal e institucional é importante favorecer as experiências de apropriar-se de sua formação continuada, de configuração ou reconfiguração de novas possibilidades formativas, de

mudanças criativas, de saltos qualitativos e de passagens que transcendem o comum e ordinário das etapas formativas em nossos planos de formação. Para isto, as trajetórias e os caminhos formativos deverão ser suficientemente flexíveis, se quisermos que se concretizem estas experiências.

A relevância dos processos formativos para as pessoas e para as comunidades, províncias e congregações, dentre outros fatores, depende de um bom planejamento, de acompanhamento efetivo e de avaliação sistemática. O acompanhamento efetivo está em consonância com um conjunto de estratégias que têm de ser claramente estabelecidas e periodicamente avaliadas.

O acompanhamento efetivo dos processos formativos exige, dentre outros elementos, atenção particular aos objetivos e estratégias estabelecidos pela província e congregação; à participação ativa dos consagrados, o maior número possível, e dos vocacionados que estão em processo de formação; à informação clara e partilhada; ao *feedback* sistemático e periódico; à revisão e atualização constantes dos processos; à capacitação dos animadores e ajudadores formativos (diretor da comunidade religiosa, do provincial e superior geral, do conselho provincial e conselho geral); e à possibilidade de intervir, quando necessário.

As mudanças na sociedade, na Igreja e nas congregações impõem audácia e fidelidade ao carisma fundacional para possibilitar novas interrogações e novas respostas. É importante transpor os tradicionais programas lineares de formação para avançar rumo a trajetórias e caminhos mais flexíveis e integradores da vida pessoal, comunitária e provincial. Da mesma forma, para renovar os programas formativos das províncias e da congregação, e abri-los a novos caminhos e trajetórias formativas para configurar e/ou reconfigurar a formação adequada aos novos tempos.

A formação é para todos os integrantes da congregação, da província e da comunidade religiosa, e não somente para alguns “privilegiados” e escolhidos, pois ela favorece o crescimento humano, afetivo, espiritual e profissional do consagrado. Este crescimento colabora para o avanço da congregação, da província e da comunidade religiosa. A formação ajuda a fortalecer o sentido de pertença, fazendo com que o consagrado se sinta parte do todo, e não à margem.

Além de contribuir para o crescimento pessoal em todas as dimensões da pessoa, a formação continuada ajuda o crescimento institucional (comunidade religiosa, província e congregação) e a realização da missão e da concretização do carisma que a Igreja nos confia. Como consagrados somos convidados a disponibilizar as nossas capacidades, habilidades e

competências para o serviço da missão apostólica, da congregação, província, e da comunidade religiosa.

Para o consagrado, a formação continuada é um processo de aperfeiçoamento que busca oportunizar o tempo necessário em vista do crescimento humano, afetivo, espiritual e profissional. É um tempo para consolidar e confirmar sua vocação. Por meio dela nos é possibilitado compreender melhor o mundo no qual estamos envoltos e, com isso, compreender sempre de modo novo a nossa própria vocação de consagrados.

Durante toda a Vida Consagrada é preciso cuidar e deixar-se cuidar em todas as etapas, e não somente zelar pelas novas gerações de consagrados, pois todos somos frágeis, todos necessitamos de cuidado e atenção. O cuidado deve ser contínuo e permanente, em todas as dimensões da pessoa: física, psíquica, emocional, espiritual.

Os espaços de formação continuada são aqueles que a vida ordinária e cotidiana da comunidade religiosa, da província e da congregação oferece. No entanto, para continuar a nossa formação continuada, também são necessários tempos, espaços e momentos fortes vividos em outros contextos não ordinários, isto é, fora da comunidade religiosa, da província e da congregação.

Temos que nos considerar pessoas não autossuficientes, da mesma forma que não o são as pessoas que coordenam a comunidade religiosa, a província e a congregação. Por isso, é imprescindível buscar formas para continuar a nossa formação continuada, como, por exemplo, por meio de retiros intercongregacionais; encontros e seminários formativos acadêmicos ou de Vida Consagrada etc. Sem dúvida, a formação continuada favorece e nutre o consagrado no seu ser, conviver e fazer, e fortalece o sentido de pertença à comunidade religiosa, à província e à congregação. Juntos e associados somos consagrados e realizamos a missão. E, por sua vez, a avaliação do ser, conviver e fazer do consagrado pela comunidade, na visita provincial e do superior geral, constitui-se oportunidade de revisão e de crescimento, e isso também precisa ser considerado como formação continuada dos consagrados.

Objetivos da formação continuada para o/a consagrado/a

Sendo que a formação continuada do/a consagrado/a é uma caminhada que deve durar toda a vida, esta deve ter, entre outros, os seguintes objetivos:

1. *Animar, nutrir e sustentar* o consagrado para a fidelidade à sua própria vocação em todas as dimensões da sua vida (espiritual, física, psíquica, afetiva e intelectual), e motivá-lo para a razão mais profunda da sua consagração a Deus.
2. *Capacitar e desenvolver* nos consagrados as competências e habilidades para poderem assumir funções de liderança na comunidade religiosa, na província e na congregação. A formação não é para si, mas para possibilitar que os dons sejam postos a serviço. Hoje, mais do que nunca, percebemos e sentimos a falta de lideranças à disposição da comunidade, da província e da congregação.
3. *Incentivar* o consagrado para qualificar cada vez mais a totalidade da sua vida (humana, espiritual, psíquica e física), mediante capacitação contínua, tendo em vista a vivência evangélica e a realização da missão apostólica que lhe foi confiada, isto é, seu ser, conviver e fazer.
4. *Ajudar* o consagrado a assumir uma atitude contemplativa, mediante autêntica vida de oração pessoal e comunitária, a fim de encontrar as reais motivações que dão sentido à sua consagração, vida fraterna e missão apostólica.
5. *Levar* o consagrado a um sábio confronto das inquietações ante o mundo onde está inserido, que o provocam e desafiam, a fim de que, atento aos sinais dos tempos, qualitativamente se inculture e nele se encarne com a mesma paixão de Jesus Cristo, mediada pela paixão e pelo encantamento do seu/sua fundador.
6. *Alimentar* o consagrado no espírito de pertença a Deus, à congregação, à província, à comunidade religiosa, à Igreja e ao mundo, e encorajá-lo para assumir a sua missão apostólica nesta realidade.
7. *Auxiliar* o consagrado a compreender que a formação continuada se realiza no contexto da sua vida cotidiana, sem necessariamente precisar de tempo específico e exclusivo para esta formação, pois todas as oportunidades são ocasião de formação.

166 Meios para desenvolver a formação continuada dos/as consagrado/as

Cada consagrado/a é o/a primeiro/a responsável por sua formação continuada, por isso é necessário buscar continuamente essa formação, tanto internamente, na congregação, como em outras instâncias.

Cada consagrado/a busca ser fiel à sua profissão religiosa, professada publicamente. Assim, ele é o primeiro responsável pela própria formação continuada, expressa no projeto pessoal de vida, em consonância com a sua missão, com o projeto e as instâncias de animação da congregação, da província, da comunidade religiosa e da comunidade onde está inserido.

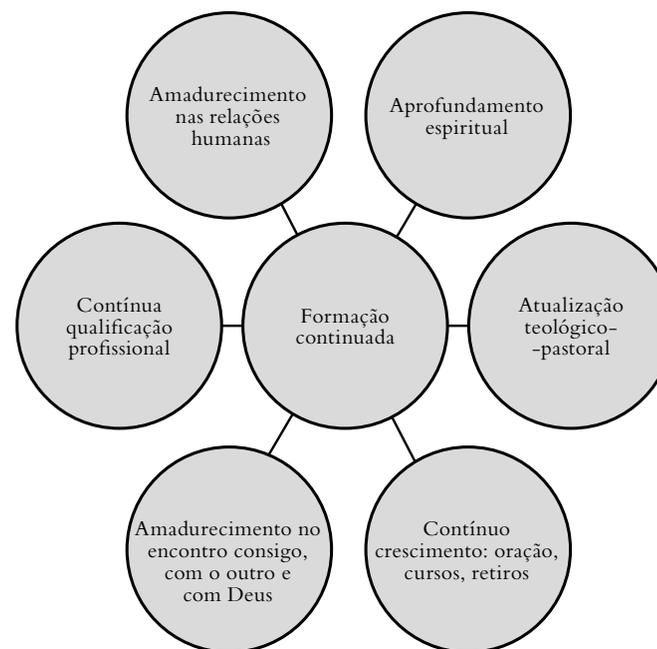
A comunidade religiosa é o centro primordial da formação continuada do consagrado. Em espírito fraterno e de responsabilidade, a fim de que nenhum Irmão descuide da própria formação, cada comunidade religiosa deve cultivar o ambiente de confiança e de liberdade de expressão, e fazer com que as atividades da Vida Consagrada cotidiana promovam ações formativas. A comunidade religiosa ajuda, ainda, a cada consagrado no enfrentamento das dificuldades, das limitações pessoais e das contrariedades na vida fraterna e no serviço apostólico, como possibilidades para aperfeiçoar-se e conformar-se com a proposta de Jesus Cristo, integrada com a proposta do/a fundador/a.

O projeto pessoal de vida do/a consagrado/a é algo a ser considerado como formação continuada pela comunidade religiosa, concretizado pelas leituras formativas, os tempos de oração, os períodos de retiro, a direção espiritual e humana. O diretor da comunidade religiosa tem a missão de promover a formação humana e espiritual dos seus integrantes, bem como oportunizar retiros, cursos, partilha da Palavra de Deus, revisões periódicas de vida, encontros comunitários e passeios comuns, diálogo com cada Irmão etc. Neste processo, a comunidade religiosa está atenta às necessidades particulares de cada consagrado, respeitando sua idade e saúde, seu próprio contexto de vida, sua missão e serviço à Igreja local, entre outros.

A formação continuada para a missão deve estar de acordo com as circunstâncias que o mundo em contínua mudança nos pede na condição de consagrados, preparando-nos para realizar a missão da melhor forma possível.

167 Considerações finais

A atual realidade em que vivemos impõe que se repense, em geral, a formação das pessoas consagradas, sem limitá-la a um único período da vida, e que se busque proporcionar formação para toda a vida. Assim entendida, a formação não é apenas um tempo pedagógico de preparação para os votos, mas representa um modo contínuo de formação, isto é, uma formação jamais terminada, uma formação que dura por toda a vida. A figura que segue mostra alguns aspectos da formação continuada.



Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais as razões da necessidade de oferecer formação continuada para os/as consagrados/as da sua comunidade religiosa, província e/ou congregação?
2. Que meios a sua comunidade religiosa, província e congregação utilizam para a formação continuada dos/as consagrados/as?
3. Quais são as limitações para oferecer formação continuada em sua comunidade religiosa, província e congregação, tendo presentes as reflexões acima?

Família: desafios, esperanças e pastoral Um olhar sobre *Amoris Laetitia*

FREI ALMIR RIBEIRO GUIMARÃES*

Os Padres sinodais afirmaram que, embora a Igreja reconheça que toda ruptura do vínculo matrimonial é contra a vontade de Deus, está consciente também da fragilidade de muitos de seus filhos. Iluminada com o olhar de Cristo, a Igreja dirige-se com amor àqueles que participam de sua vida de modo incompleto, reconhecendo que a graça de Deus também atua nas suas vidas, dando-lhes a coragem para fazer o bem, cuidar com amor um do outro e estar a serviço da comunidade onde vivem e trabalham. Aliás, essa atitude vê-se corroborada no contexto de um Ano Jubilar dedicado à misericórdia. Embora não cesse jamais de propor a perfeição e convidar a uma resposta mais plena a Deus, a Igreja deve acompanhar, com atenção e solicitude, os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e extraviado, dando-lhes de novo confiança e esperança, como luz do farol de um porto ou de uma tocha acesa no meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou estão no meio da tempestade. Não esqueçamos que, muitas vezes, o trabalho da Igreja é semelhante a um hospital de campanha (*Amoris Laetitia*, 291).

1. “*A alegria do amor*”! Diante de nossos olhos um espesso e rico documento exarado pelo Papa Francisco, que recolhe resultados de dois Sínodos de bispos sobre o tema da família. Nas poucas linhas deste artigo queremos lançar *um* olhar sobre este documento que encerra no seu bojo a palavra alegria, *laetitia* (*Amoris Laetitia* – AL). Trata-se de uma alegria que

* **Almir Ribeiro Guimarães** é frei da Ordem dos Frades Menores (OFM). Nascido em Petrópolis, a 6 de novembro de 1938, formou-se em catequese e teologia pelo Institut Catholique de Paris. Durante anos foi professor de pastoral no Instituto dos Franciscanos em Petrópolis, assessor da Pastoral Familiar da CNBB de 1992 a 1995, percorrendo o Brasil para ajudar na implantação da Pastoral Familiar, e pároco em Sorocaba (SP) e Niterói (RJ). Atualmente é assistente nacional da Ordem Franciscana Secular e redator da Revista *Grande Sinal* (Vozes). É autor de muitos livros sobre família e espiritualidade, publicados pela Editora Vozes. **Endereço do autor:** Fraternidade do Sagrado Coração de Jesus. Rua Montecaseros, 95, CEP: 25680-005, Petrópolis-RJ. **E-mail:** freialmir@gmail.com.

vem do amor em todas as suas manifestações, especialmente no seio da família: amor do casal, amor mútuo de pais e filhos, amor entre irmãos, entre avós e netos, tios, primos e sobrinhos, amor dos e pelos “náufragos” no casamento, amor pelos que vivem situações familiares dilacerantes, o amor manifestado pelos membros da família para fora do pequeno círculo. Não se pode entender os 325 tópicos desta Exortação sem colocar como pano de fundo o *Evangelii Gaudium* (*A alegria do Evangelho* – EG) e todo o “jeito”, as “convicções”, o estilo do Papa Bergoglio que veio do hemisfério sul. Alegria do Evangelho e alegria da família. Por detrás de tudo as homilias e catequeses do Papa no dia a dia de seu cuidado pelas Igrejas. Uma convicção de base transparece: um retorno a Jesus e seu Evangelho, um reencontrar sua força e lançar sobre todos os temas e subtemas um olhar de misericórdia. O Papa se revela em cada uma das páginas deste texto, se “traí” no bom sentido. Uma das convicções de Francisco é que a alegria do Evangelho enche a vida dos que se encontram com Jesus (cf. EG, 1). Assim, a família é espaço de alegria e de uma alegria que vem da Boa-Nova. Nunca esqueçamos que a grande alegria é a presença do Ressuscitado no meio de nós, de modo particular, no seio da família.

2. Uma primeira observação: *o Papa não tem como preocupação prioritária a questão canônica*. Talvez alguns esperassem revoluções doutrinárias, abertura aos sacramentos para as pessoas em situações ditas irregulares aos olhos da Igreja Católica. Não é o que aconteceu. O que se encontra é um convite ao discernimento e uma tentativa de mostrar a beleza da família. Discernimento é palavra-chave para entender a Exortação. Há seções consagradas às questões delicadas. O conjunto do documento, no entanto, é como se fosse uma celebração cheia de confiança na beleza da família.

3. Acima, abrimos estas reflexões com uma citação da Exortação em que o Papa, na esteira dos padres sinodais, se volta para as situações delicadas. Suas palavras são bem escolhidas, cautelosas e de cunho pastoral. Não se podia esperar do Sínodo ou da presente Exortação uma nova normativa geral de tipo canônico, aplicável a todos os casos. *O que se pretende é um novo encorajamento a um responsável discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares* (cf. AL, 300). Muitos, com efeito, como já dissemos, esperavam declarações “revolucionárias” no âmbito jurídico. O Papa optou por dar à sua Exortação uma dimensão bem mais ampla do que reflexões sobre situações complexas. O título do inciso que aborda esta questão, o capítulo VIII, insiste no acompanhar, discernir e integrar a fragilidade. São verbos que tecem os discursos sobre o tema da pastoral.

4. *A família é realidade dinâmica, como a própria vida. O casamento não acontece no dia do casamento.* Há todo um caminho a ser percorrido. E na viagem da vida damos conta da força e das reservas de humanidade que existem na família: ajuda mútua e recíproca, crescimento do relacionamento entre as pessoas, partilha de alegrias e de dificuldades. A família é o lugar onde se vive a “alegria do amor”. Há incontáveis desafios a serem superados no seio desta pequena célula da sociedade e da Igreja. O desejo de família, no entanto, permanece vivo nas jovens gerações (cf. AL, 1). *Em família precisa haver um treinamento na arte de amar:* “Nenhuma família é uma realidade perfeita e feita uma vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento de sua capacidade de amar” (AL, 325).

5. A família cria liames múltiplos. Por meio desses laços que se entrecruzam os membros da família vão construindo sua identidade. Ali as pessoas se sentem amadas e reconhecidas pelo que são, gratuitamente. A família é lugar onde podem ser curadas as feridas e onde se encontra consolo nas situações doloridas da vida. Ali há a partilha do cotidiano. A estabilidade da família é aspiração fundamental do homem. O Papa lembra regras rudimentares de convivência: manifestar um agradecimento, escutar o ponto de vista do outro, cultivar a paciência, pedir perdão, guardar um justo pudor, elogiar e mostrar o que há de belo no outro, não insistir demais nos pontos fracos. Os nn. 89 a 164, ou seja, todo o capítulo IV, precisa ser lido, meditado, estudado pelas famílias, pelos sacerdotes que trabalham com famílias. Trata-se de um tratado dentro de outro tratado. Todo o capítulo se inspira no hino à caridade de São Paulo (1Cor 13,4-7).

6. O documento exala esperança e confiança. Suas páginas querem incentivar famílias e agentes de pastoral no sentido de que levem em consideração o positivo na família, mesmo quando não se consegue ter um tipo de família “perfeita”, o que na verdade não existe. *O Papa, mesmo com todo seu otimismo evangélico, faz um elenco dos desafios que conhecemos e apareceram ao longo das sessões do Sínodo.* Não é aqui o lugar de lembrar todos. Eles aparecem descritos nos números 31-57: individualismo exagerado, cultura da posse e do gozo, ritmo frenético da vida atual, pessoas que optam por viver sozinhas ou que convivem sem coabitar, fragilidade e precariedade dos vínculos, medo de se ficar “encurralado” com promessas conjugais ditas definitivas, famílias caídas na miséria, mulher que sozinha cria os filhos, eutanásia e suicídio assistido, falta de comunicação e de encontros entre pais e filhos, separações e recasamentos feitos sem muito critério. É grande a relação de tais desafios.

7. Transcrevemos o tópico em que a Exortação fala de certas situações difíceis devido à miséria:

Quero assinalar a situação das famílias caídas na miséria, penalizadas de tantas maneiras, onde as limitações da vida se fazem sentir de forma lancinante. Se todos têm dificuldades, estas, em uma casa mais pobre, tornam-se mais duras. Por exemplo, se uma mulher deve criar seu filho sozinha, devido a uma separação ou por outras causas, e ter de ir trabalhar sem a possibilidade de deixá-lo com outra pessoa, o filho cresce num abandono que o expõe a todo tipo de risco e fica comprometido seu amadurecimento pessoal. Nas situações difíceis em que vivem as pessoas mais necessitadas, a Igreja deve dedicar especial atenção em compreender, consolar, integrar, evitando impor-lhes um conjunto de normas, tendo como resultado fazê-las sentirem-se julgadas e abandonadas, precisamente pela Mãe que é chamada a levar-lhes a misericórdia de Deus. Assim, em vez de oferecer a força sanadora da graça e da luz do Evangelho, alguns querem doutrinar o Evangelho e transformá-lo em pedras mortas para jogá-lo contra os outros (AL, 49).

8. Ainda *algumas dificuldades cotidianas e outras bem mais graves, levantadas pelos Sínodos:* dificuldade da função educativa, famílias que perderam o hábito da refeição de todos juntos, aumento da oferta de distrações, dependência da televisão, toxicodependência, uso indiscriminado das redes sociais, a problemática da ideologia chamada “gender”, que nega a diferença e a reciprocidade natural entre homem e mulher. Ao concluir o tópico sobre os desafios, o Papa afirma positivamente:

Dou graças a Deus porque muitas famílias que estão bem longe de se considerarem perfeitas, vivem no amor, realizam sua vocação e continuam caminhando, embora caiam muitas vezes ao longo do caminho. Partindo das reflexões sinodais, não se chega a um estereótipo da família ideal, mas um interpelante mosaico formado de muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos. As realidades que nos preocupam são desafios. Não caímos na armadilha de nos consumirmos em lamentações autodefensivas, em vez de suscitar uma criatividade missionária (AL, 57).

9. Devido à amplitude do exposto na Exortação, no espaço limitado desta reflexão, não podemos fazer senão lançar um primeiro olhar. O Papa pede que não façamos uma leitura apressada do texto. “Poderá ser mais proveitoso, tanto para as famílias como para os agentes de pastoral familiar, aprofundar pacientemente uma parte de cada vez ou procurar nela o que precisam em cada circunstância concreta” (AL 7).

10. Esta Exortação é, antes de tudo, uma mensagem de fé na família que se tornou desacreditada nos últimos decênios. Não se trata de ignorar

os dramas vividos pela pequena célula, mas há o cuidado de suscitar no mundo inteiro a convicção da importância e da beleza da família. Por isso, por detrás de quase cada página está um convite a uma reorganização da *pastoral familiar*, a que se invente uma nova maneira de acompanhar a vida da família. Estar perto, acompanhar, orientar, criar grupos de reflexão são fundamentais. Não se trata apenas de tentar “remediar”, mas de “prevenir”. Nesta era pós-cristã será preciso fazer com que as pessoas sejam “reiniciadas” na fé e também no ser gente, gente de fato gente. Quanto sofrimento de crianças, de mulheres, de jovens, de idosos. Trata-se, pois, de acompanhar as famílias em todas as suas etapas. *Nunca se teve um incentivo tão forte para a implantação de uma lúcida e aberta pastoral familiar.*

11. Vejamos algumas das orientações na linha da pastoral familiar.

- No tempo do namoro e noivado:

Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa, nem pode ser objetivo de um breve curso antes da celebração do matrimônio. Na realidade, cada pessoa prepara-se para o matrimônio desde o seu nascimento. Tudo o que a família lhe deu deveria permitir-lhe aprender da própria história, e torná-la capaz de um compromisso pleno e definitivo (AL, 208).

- Os que chegam mais bem preparados para o casamento são aqueles que aprenderam dos próprios pais. Importante que a escolha seja livre, pensada, criteriosa. “Os noivos deveriam ser incentivados e ajudados a poder expressar o que cada um espera de um eventual matrimônio, a sua maneira de entender *o que é o amor e o compromisso*, o que se deseja do outro, o tipo de vida em comum que se quer projetar” (AL, 209). A mera atração física não será suficiente para sustentar o casamento. Nada mais volúvel e precário que o desejo. Os noivos serão iniciados numa série de cuidados para que sua união ganhe estabilidade. Importa criar um catecumenato matrimonial.

- Os primeiros anos de vida conjugal serão acompanhados: é o tempo de passar do idealismo para a realidade, tempo de colocar os primeiros filhos no mundo, de se adquirir hábitos e comportamentos profundamente cristãos. Sempre a questão da pastoral, do acompanhamento. Acompanhar mesmo os casais que já fizeram bodas de prata em todas as transformações do amor conjugal.

- A Exortação consagra todo um capítulo à educação dos filhos (cap. VIII). Há um grande trabalho a ser feito com os pais das crianças da catequese, da crisma dos jovens. Riquíssimo esse capítulo!

- A Exortação fala do acompanhamento nas crises: “A história de uma família está marcada por crises de todo gênero e fazem parte de sua dramática beleza” (AL, 232). Os casais haverão de compreender que uma crise superada leva a uma vida conjugal mais intensa, abre-se nova etapa da vida conjugal e familiar. Os casais não podem se resignar a uma curva descendente. “Quando se assume o matrimônio como uma tarefa que implica também superar obstáculos, cada crise é sentida como uma ocasião para chegar a beber juntos um vinho melhor” (AL, 232).

- O capítulo VIII é consagrado ao tema dos “casos especiais”. Como frontispício desta reflexão já transcrevemos o n. 291, que fala “do acompanhamento dos filhos mais frágeis” pela Igreja. Não se trata apenas de orientar para a busca de uma eventual declaração de nulidade do vínculo, mas de acompanhar e discernir. Há pessoas que perderam a rota e estão em meio à tempestade. Há um acompanhamento daqueles que são casados no civil ou que simplesmente vivem juntos.

Os Padres consideram também a situação particular de um matrimônio apenas civil, ou mesmo, ressalvadas as distâncias, da mera convivência: quando a união atinge uma notável estabilidade através de um vínculo público e se caracteriza por um afeto profundo, responsabilidade para com a prole, capacidade de superar as provações pode ser vista como uma ocasião a acompanhar na sua evolução para o sacramento do Matrimônio (AL 293).

Muito explorado e em evidência é o critério da gradualidade. Todas as situações admitem gradações. Cada caso é um caso. Na caminhada, mesmo para os que vivem situações irregulares, há uma gradação.

12. Para estudar o tema da família o Papa abriu um processo sinodal ao longo de dois Sínodos, um extraordinário e outro ordinário, em torno dos desafios pastorais da família no contexto da evangelização. Os dois Sínodos produziram relatórios conclusivos denominados de *Relatio Synodi* e *Relatio Finalis*. Em sua Exortação o Papa valorizou substancialmente a *Relatio Finalis*, acolhendo substancialmente não somente citações, mas sobretudo a imposição dos problemas e o modo de abordagem dos mesmos. A estas citações deve-se acrescentar referências a documentos das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe, México, Quênia, Austrália, Colômbia, Itália, Coreia, Espanha, Chile. *Amoris Laetitia* é, pois, de ampla reflexão do episcopado e pode ser considerada fruto de um suficientemente longo processo sinodal e eclesial de reflexão sobre a família. Há que se destacar, pois, de maneira forte o caráter sinodal da Exortação. Dois Sínodos, ao longo de um tempo razoável, é vontade explícita de ouvir os bispos do

mundo inteiro, e acolhida de respostas aos questionários; todo um procedimento diferente que, por si só, já é sucesso.

13. Novamente chamamos a atenção para um ângulo próprio do Papa Francisco: cita personalidades, escritores, poetas: “Toda casa é um candelabro” (Jorge Luís Borges, AL, 8). A cortesia é uma escola de sensibilidade e altruísmo que exige que a pessoa cultive a sua mente e os sentidos, aprenda a ouvir e falar e em certos momentos calar (cf. Octavio Paz, n. 99). Menciona ainda Dietrich Bonhoeffer, Martin Luther King, E. Fromm e outros. Falando das necessidades dos cônjuges de terem consciência clara de seus deveres de justiça, lembra que, quando isso acontece, o amor dos dois não diminui. Nesse contexto ele cita Mário Benedetti, poeta uruguaio de descendência italiana:

As tuas mãos são a minha carícia,
o meu despertar diário.
Amo-te porque tuas mãos
trabalham pela justiça.
Se te amo é porque és o meu amor,
o meu único cúmplice em tudo
e na rua, lado a lado,
somos muito mais que dois (AL, 181).

14. Numa certa altura do desenvolvimento do tema, o Papa fala da gratuidade no amor dos esposos e faz alusão a um filme que muito o tocou: “Uma vez que somos feitos para amar, sabemos que não há maior alegria do que partilhar um bem: ‘Dá e recebe, e alegra a ti mesmo’” (Eclo 14,16). As alegrias mais intensas da vida surgem quando se pode provocar a alegria dos outros, em uma antecipação do céu. Vem a calhar recordar uma cena feliz do filme *A festa de Babette*, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio:

“Como deliciarás os anjos!” É doce e consoladora a alegria de fazer as delícias para os outros, vê-los usufruir delas. Este júbilo, efeito do amor fraterno, não é o da vaidade de quem olhar para si mesmo, mas o do amante que se compraz no bem do ser amado que transborda para o outro e se torna fecundo nele (AL, 129).

15. Evidentemente, como era de esperar, a Exortação recolhe a riqueza do Magistério precedente. O Papa retoma aqui e ali as orientações que ele mesmo foi dando em suas catequeses sobre a família. Há amplo espaço para *Familiaris Consortio*, de João Paulo II, primeiro grande documento sobre a família e sua pastoral. Há espaço para *Deus caritas est* de Bento XVI. Um

trabalho feito a muitas mãos, aberto ao mundo, levando em consideração a grande família humana, estourando todos os limites.

Conclusão

“Para evitar qualquer interpretação tendenciosa, lembro que, de modo algum, deve a Igreja renunciar a propor o ideal pleno do matrimônio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza: É preciso encorajar os jovens batizados para não hesitarem perante a riqueza que o sacramento do Matrimônio oferece aos seus projetos de amor, com a força do apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participar plenamente da vida da Igreja. A tibieza, qualquer forma de relativismo ou excessivo respeito na hora de propor o matrimônio seriam falta de fidelidade ao Evangelho e também uma falta de amor à Igreja pelos próprios jovens. A compreensão pelas situações excepcionais não implica jamais esconder a luz do ideal mais pleno nem propor menos do que Jesus oferece ao ser humano. Hoje, mais importante que uma pastoral dos fracassados, é o esforço pastoral para consolidar os matrimônios e assim evitar as rupturas (AL, n. 307).

Referências bibliográficas

- Antonio Spadaro, SJ, “Amoris Laetitia”. Struttura e significato dell’Esortazione apostólica post-sinodale di Papa Francesco, in *Civiltà Cattolica*, 23 aprile 2016, p.105-128.
- Editorial da revista *Études*, juin 2016, assinado por Nathalie Sartou-Lajus e Etienne Grieu.
- Monique Baujard, Le famiglie, specchio della società, *Il Regno – Documenti* I/2012, p. 38-45.
- Monique Baujard, Le Synode, un lieu d’apprentissage de la pluralité et du dialogue, in *Études*, septembre 2015, p. 43-52.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que o documento *Amoris Laetitia* tem a dizer à Vida Religiosa Consagrada?
2. O autor do texto, Frei Almir, diz que o Papa Francisco cita personalidades, escritores, poetas, para falar de temas relacionados ao amor em família. Procure outros textos da literatura e filmes que possam ser indicados às famílias.
3. Partilhe com a comunidade recordações de sua vida familiar desde a infância.